



Perguntas
e respostas sobre
a origem da vida



Gestação:
um encontro
entre almas



Pesquisas em
Espiritualidade e
Enfermagem

Saúde & *Espiritualidade*

Nº 8 • OUT / NOV / DEZ 2012



VIDA

Um bem indisponível

Visão médico e jurídico-espírita sobre o aborto

Aborto é crime!

A Associação Médico-Espírita do Brasil sempre se colocou contra a liberação do aborto por entender que o mesmo é uma violação ao direito à vida.

Em junho de 2007, no Adendo à Carta de Princípios Bioéticos, redigida por ocasião do Congresso Médico-Espírita (MEDNESP) realizado em São Paulo (SP), colocou-se na questão 4:

“ Como proceder diante da posição do Governo Federal sobre a descriminalização do aborto, embasado na afirmação de que seria um problema de saúde pública?

Somos totalmente contrários a essa posição, porque o direito à vida é inviolável e divino. Legalizar o aborto não é só descriminalizar o agente de um ato tão hediondo. Mais do que isso é agir contra esse direito, em especial do de um inocente e incapaz de lutar por si mesmo.

A solução para o problema de saúde pública devido às consequências dos abortos clandestinos não é legalizar ou descriminalizar o aborto, oferecendo acesso a este ato criminoso. O caminho é oferecer educação adequada e contínua a toda população, objetivando medidas eficientes de planejamento familiar, sem assumir ações de banalização para atividade sexual e para o relacionamento afetivo”.

É válido ressaltar que estas ideias não estão pautadas tão somente das questões filosóficas, morais e/ou religiosas. A AME-Brasil vem reiteradamente apresentando em palestras e seminários a posição científica desta questão bioética, tão delicada nos dias atuais.

Para tanto, a revista Saúde e Espiritualidade coletou a história da participação da AME-Brasil na capital federal contra a liberação do aborto, bem como

entrevistou um médico e um promotor de justiça

para embasar com profundidade os pontos médicos

e legais.

Em pesquisas recentes realizadas pelo Alô Sena-

do, órgão de comunicação entre a população bra-

sileira e o Senado Federal, o povo brasileiro tem se

manifestado contrário à legalização do aborto.

Conforme já descrito no jornal Folha Espírita de

novembro de 2007: “A sociedade que apela para o

aborto declara-se falida em suas bases educacio-

nais, porque dá guarida à violência no que ela tem

de pior, que é a pena de morte para inocentes. Com-

promete, portanto, o seu projeto mais sagrado que é

o da construção da paz”.

Sumário

Bioética Espírita - Visão Médico-Espírita do Aborto	xx
Visão Jurídico-Espírita do Aborto	xx
A Vida contra o aborto	xx
Ativa participação contra o aborto	xx
Seareiro da medicina da Alma - José Nilson Nunes Freire	xx
Médico-Espírita na Prática - Ciência e Espiritualidade no Exterior	xx
Dicas de leitura - Gestação: Um encontro entre almas	xx
Dicas de leitura - Pesquisador islandês mostra a visão europeia do além da vida	xx
Pesquisas em saúde e espiritualidade - Enfermagem e Espiritualidade	xx

Saúde e Espiritualidade é uma publicação da Associação Médico Espírita do Brasil (AME Brasil). AME Brasil - Diretoria - Biênio 2011-2013. Presidente: Dra. Marlene Rossi Severino Nobre. Vice-Presidente: Dr. Roberto Lúcio Vieira de Souza. 1º Secretário: Gilson Luís Roberto. Tesoureira: Dra. Márcia Regina Colasante Salgado. Conselho Editorial: Carlos Roberto de Souza, Décio Iandoli Júnior, Jorge Cecílio Daher, José Roberto dos Santos. Jornalista Responsável: Giovana Campos 28.767. Textos: Giovana Campos e Eleni Gritzapis. Planejamento Gráfico: Conrado Santos e André Egido. Revisão: Eva Barbosa. Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores. Associação Médico-Espírita do Brasil - Av. Pedro Severino, 323 – Jabaquara - São Paulo/SP - CEP: 04310-060 amebrasil@amebrasil.org.br



Laércio Furlan

Implicações Espirituais da prática abortiva

Giovana Campos

A vida é um bem indisponível. Sendo assim, quais razões médicos espíritas podem trazer para esclarecer à luz da ciência e da Doutrina Espírita às pessoas que necessitam de informações sobre a importância da gestação, da formação espiritual do ser encarnante? A revista Saúde e Espiritualidade conversou com o médico Laércio Furlan, da AME-Paraná sobre este importante assunto que pauta a mídia moderna.

Quais as implicações espirituais da prática abortiva?

Sabemos que as implicações espirituais da prática abortiva são muito grandes, uma vez que, para os vinculados ao crime hediondo, as consequências serão inevitáveis.

Os traumatismos provocados pelo aborto repercutem na perispírito do reencarnante, gravados na sua memória profunda.

Quanto aos pais, as anomalias nos centros genésicos comprometem as próximas reencarnações levando-os ao arrependimento, à expiação e à reparação: três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas consequências pela violação à Lei Divina.

Em algumas circunstâncias, a mãe é a menos culpada, quando não tem condições de enfrentar a pressão do companheiro, marido e de seus pais, além da pressão profissional. Ela se torna mais responsável, quando decide abortar porque a missão da maternidade lhe foi confiada, mas não suportou cumpri-la.

Kardec aborda o assunto, André Luiz, Emmanuel e os Mentores Espirituais enfatizam as repercussões advindas deste ato criminoso.

A Dra. Marlene Nobre tem esclarecido através dos seus

inúmeros trabalhos, quando comenta que caberá aos Médicos Espíritas a função maior de levar o Espírito ou a Alma para todas as Ciências, em especial à Medicina e a partir daí um novo horizonte se estabelecerá no planeta.

Os quadros obsessivos que se instalam para todas as criaturas que se comprometeram com o crime hediondo se desenvolvem logo a seguir.

Em nossa experiência pessoal, também verificamos que os quadros depressivos, baixa auto-estima, sentimento de culpa e somatizações se instalam ou são agravados nas gestantes que optaram pelo abortamento, levando-as muitas vezes à super proteção dos futuros filhos, temendo que algo os aconteça e que Deus os leve como forma de punição.

Nos trabalhos mediúnicos de que participamos em nossa Casa Espírita, a presença de entidades que resultaram de aborto manifestam os quadros obsessivos pertinazes, principalmente relacionados às mães.

Mas, todos os indivíduos envolvidos no crime estão sujeitos às Leis Divinas. Na Campanha da AME-PARANÁ, para as que já abortaram recomendamos que não fiquem alimentando o erro, mas procurem através da prece, o encontro com o seu filho abortado e dando-lhe o nome mais querido diga-lhe que a perdoe pelo crime e procure através da lei do amor, amar as crianças devotando todo o carinho que elas merecem. E dentro das possibilidades, associando-se a uma creche ou lar infantil, reconquiste o afeto do filho rejeitado.

Mãe e feto saem lesionados em sua evolução espiritual?

Não há dúvida quanto aos transtornos físicos e espirituais acarretados pelo ato na evolução espiritual.

Como a AME-PARANÁ tem se movimentado para combater o aborto e orientar as gestantes?

A AME-PARANÁ e a Federação Espírita do Paraná lançaram para todo o Estado, a Campanha **“Vida, sim à gravidez – não ao Aborto”** no ano de 1999, tendo como objetivos, esclarecimento e orientação:

- 1 - dos adolescentes quanto à gravidez precoce e indesejada e ao aborto intencional e criminoso;
- 2 - da prática do sexo com responsabilidade, assumindo-se os riscos e suas consequências;
- 3 – das mulheres com intencionalidade de abortamento e
- 4 – das que abortaram, todavia jamais interferindo no livre-arbítrio da gestante, procurando sempre através da terapia do amor, valorizar a vida.

Com uma equipe multiprofissional, a AME-PARANÁ durante esses anos, através de aulas programadas, leva aos colégios, faculdades, centros espíritas e outras entidades, o trabalho organizado com exposições didáticas, cartazes, panfletos e entrevistas, os conceitos morais e espíritas conforme seu objetivo.

Tanto nas exposições aos adolescentes e familiares, como no atendimento às mulheres com intencionalidade ou às já submetidas ao abortamento, alcançamos resultados muito satisfatórios, como a não realização do aborto, a prevenção aos estudantes, em que um trabalho de quatro anos em um grande colégio resultou na redução de quarenta gravidezes por ano para uma, a orientação das que haviam abortado e finalmente o trabalho feito junto às que eram portadoras de “anencéfalos”, motivaram a continuidade da Campanha.

Quando devem ser iniciadas as instruções para evitar tal prática? Na infância, na adolescência ou apenas na vida adulta?

Somos de opinião que se deve iniciar na infância, através de uma orientação segura e própria para a idade. Já na fase de adolescência, os resultados serão pouco alcançados, tendo em vista a formação com todos os exemplos indesejados. Todavia, sempre é tempo para começar, mesmo na fase adulta.

Estão em discussão no Senado, algumas mudanças nas leis concernentes ao aborto, principalmente, no que tange ao estado psicológico e financeiro da gestante. Quais argumentos podem ser utilizados para maior esclarecimento da população?

Os conceitos expressos pela Madre Tereza de Calcutá na Conferência da ONU, quando disse que: “O maior destruidor da Paz no mundo hoje é o aborto. Ninguém tem o direito de tirar a Vida: nem a mãe, o pai, o médico, a conferência ou o governo” e o feito pelo nosso abençoado Francisco Cândido Xavier, quando afirma: “Se o aborto for aprovado no Brasil, acarretará um carma coletivo de muito sofrimento e de difícil solução” não conseguem conscientizar o Mundo e o nosso País, ficamos certos que a sensibilidade dos nossos governantes estão mais voltados pelos próprios interesses.

A Dra. Marlene Nobre, como já referimos, através de seus livros demonstra cientificamente o valor da Vida, baseando-se nas publicações de Mestres da Embriologia, da Genética, da Biologia, da Bioética e de todas as diretrizes da Doutrina Espírita, em reuniões com Parlamentares em Brasília, representando a AME-BRASIL e sempre com o apoio da Federação Espírita Brasileira e da Associação dos Magistrados Espíritas do Brasil, levaram até ao Senado, à Câmara de Deputados o conhecimento de que o aborto, mesmo no anencéfalo é um Crime Hediondo.

Considero absurda a hipótese de abortamento no que tange ao estado psicológico e financeiro da gestante.

Considero também que o único argumento capaz de reverter a situação atual, é a eleição de parlamentares que estejam compromissados com a Vida.

Deve-se desencadear uma campanha pela internet, todos os setores envolvidos na preservação da vida, religiosos ou não, toda a população brasileira, conscientizada, exigindo dos candidatos um posicionamento prévio para posterior votação.

Tudo isto, nos leva a uma necessidade de um maior número de representantes espíritas no Governo, demonstrando os postulados da Doutrina, nesta fase de transição.

Finalmente, nos restam a prece e o apelo ao Mundo Maior para que a bondade de Deus se faça neste Brasil, Coração do Mundo e Pátria do Evangelho.



Tiago Cintra Essado

“A vida do feto possui igual a de qualquer outro ser hu

Eleni Gritzapis

Juridicamente, qualquer processo que resulte na interrupção da gravidez e que resulte na morte do feto é definido como aborto. E o direito à vida é garantido pela constituição brasileira. No entanto, a questão gera divergências moral e jurídica. Para falar sobre o tema, entrevistamos o presidente da AJE-SP (Associação Jurídico-Espírita do Estado de São Paulo), Tiago Cintra Essado, doutorando em direito processual penal pela Faculdade de Direito da USP e promotor de Justiça de São Paulo (SP).

Qual a definição jurídica de aborto?

Numa definição bem simples, qualquer processo que implique interrupção da gravidez, com a consequente morte do feto, consiste no aborto. Pode ou não encontrar apoio jurídico. Se, por exemplo, existir risco para a vida da gestante, o aborto será permitido. Do contrário, não.

Tramita na Câmara dos Deputados um projeto de lei que visa legalizar o aborto no Brasil. No entanto, a constituição brasileira declara que o direito a vida é inviolável. Onde se apoia juridicamente esta contradição?

A Constituição Federal de 1988 é a norma com posição hierárquica superior no ordenamento jurídico brasileiro. Todas as demais leis devem se conformar com seus valores e princípios para que, a partir de uma interpretação sistêmica, predomine a harmonia

entre elas. De fato, a Constituição assegura a inviolabilidade do direito à vida e nenhuma norma pode contrariar tal previsão. O fundamento para a admissão do aborto situa-se na autonomia de vontade da gestante e sua liberdade de decidir. Contudo, não se afigura razoável entender que tal regra prevaleça sobre o direito à vida do feto, um ser humano vivo por excelência, apenas com reduzida mobilidade e sem chance de gritar por socorro. O fato de um feto respirar, perceber e sentir não é atributo de fê cega, porém de constatação científica. Assim, qualquer tentativa de legalizar o aborto afigura-se antijurídica. O problema está em querer achar que o Direito Penal resolva a questão, de um lado ou de outro, e isso precisa ser melhor debatido.

Do ponto de vista jurídico, quando começa a vida?

O Código Civil estabelece que o início da personalidade civil dá-se a partir do nascimento com vida. Isto é, a pessoa como sujeito de direitos e deveres surge, para o direito, a partir daquele momento. Contudo, a lei também faz expressa ressalva à proteção dos direitos do nascituro, a contar da concepção. É possível, por exemplo, doar ao nascituro, nomear-lhe um curador, na ausência do pai e na eventual impossibilidade de a gestante lhe representar, ou seja, alguém que irá velar por ele. Percebe-se, desse modo, quão protetiva é a lei ao nascituro, o que indica que a lei o considera como sujeito de direitos também, digno de tutela. De outro

valor jurídico humano”

lado, a Convenção Americana de Direitos Humanos (Pacto de São José da Costa Rica), norma internacional recepcionada pelo direito brasileiro, assegura a proteção ao direito à vida desde a concepção. Assim, inexistem dúvidas a afirmar que a vida, sob a perspectiva jurídica, inicia-se a partir da concepção.

Na sua visão, o aborto é uma questão jurídica ou moral?

Todo fato da vida pode ser analisado sob o ponto de vista jurídico ou moral, desde que essa análise seja feita a partir das regras e princípios que contemplem cada universo. Assim, a discussão sobre o aborto no plano jurídico deve circunscrever-se à análise conforme o direito. É possível que haja identidade de valores entre normas jurídicas e morais, em razão de preceitos universais que paulatinamente são introduzidos no mundo jurídico, como honestidade e respeito aos direitos humanos. Desse modo, o mais razoável, para fins legais, é discutir o aborto numa perspectiva jurídica. E, conforme visto, o direito protege o ser vivo, a partir da concepção, numa condição de igualdade jurídica com qualquer outro ser. A partir disso, a norma que veda *matar alguém* contempla valor jurídico que permite a inclusão do nascituro, pois o que se pretende é valorizar a vida, em toda sua plenitude, sem qualquer relativismo. A vida do feto, da criança e do idoso, juridicamente, recebe igual valor. Contudo, o direito

contemporâneo deve proteger com mais força e eficácia o mais fraco.

Há bases jurídicas para a liberação do aborto?

Autorizar o aborto resume-se em autorizar a matar, o que viola direitos humanos mínimos. O que é preciso destacar é que não se deve apostar tudo no Direito Penal. Criminalizar não necessariamente significa resolver o problema. Repudiar o aborto, numa perspectiva jurídica e inclusive cristã, não significa menosprezar a gestante. É preciso considerá-la nessa relação e contexto e fortalecê-la de todos os modos para que possa ser valorizada. Do mesmo modo que a liberação do aborto é nefasta, apostar na criminalização como política única e com caráter salvacionista, é entender a questão sob uma ótica reducionista. Assim, é preciso investir em políticas públicas que previnam o aborto e que auxiliem a gestante sob uma perspectiva psicológica e social.

Como o aborto pode ser interpretado dentro da ética jurídica?

Como disse, uma sociedade civilizada não deve aceitar o aborto como algo indiferente. A vida do feto possui igual valor jurídico a de qualquer outro ser humano. Estando indefeso, o direito deve ressaltá-lo ainda mais e para isso coibir o Estado e a sociedade a investirem em políticas protetivas e de valorização da mulher afigura-se essencial.



A vida contra o aborto

Dez perguntas e respostas sobre a origem da vida

*“Pouca ciência afasta de Deus.
Muita, a ele reconduz.”
(Louis Pasteur)*

APRESENTAÇÃO

Esta é uma contribuição do pensamento médico-espiritual ao tema do aborto intencional.

De início, ressaltamos que nossos principais argumentos não são religiosos, mas estão ancorados na ciência. Aliás, devemos acentuar que a ciência não é religiosa nem atea, e que, ao contrário do que se imagina, boa parte dos cientistas acredita na existência de um Ser Supremo.

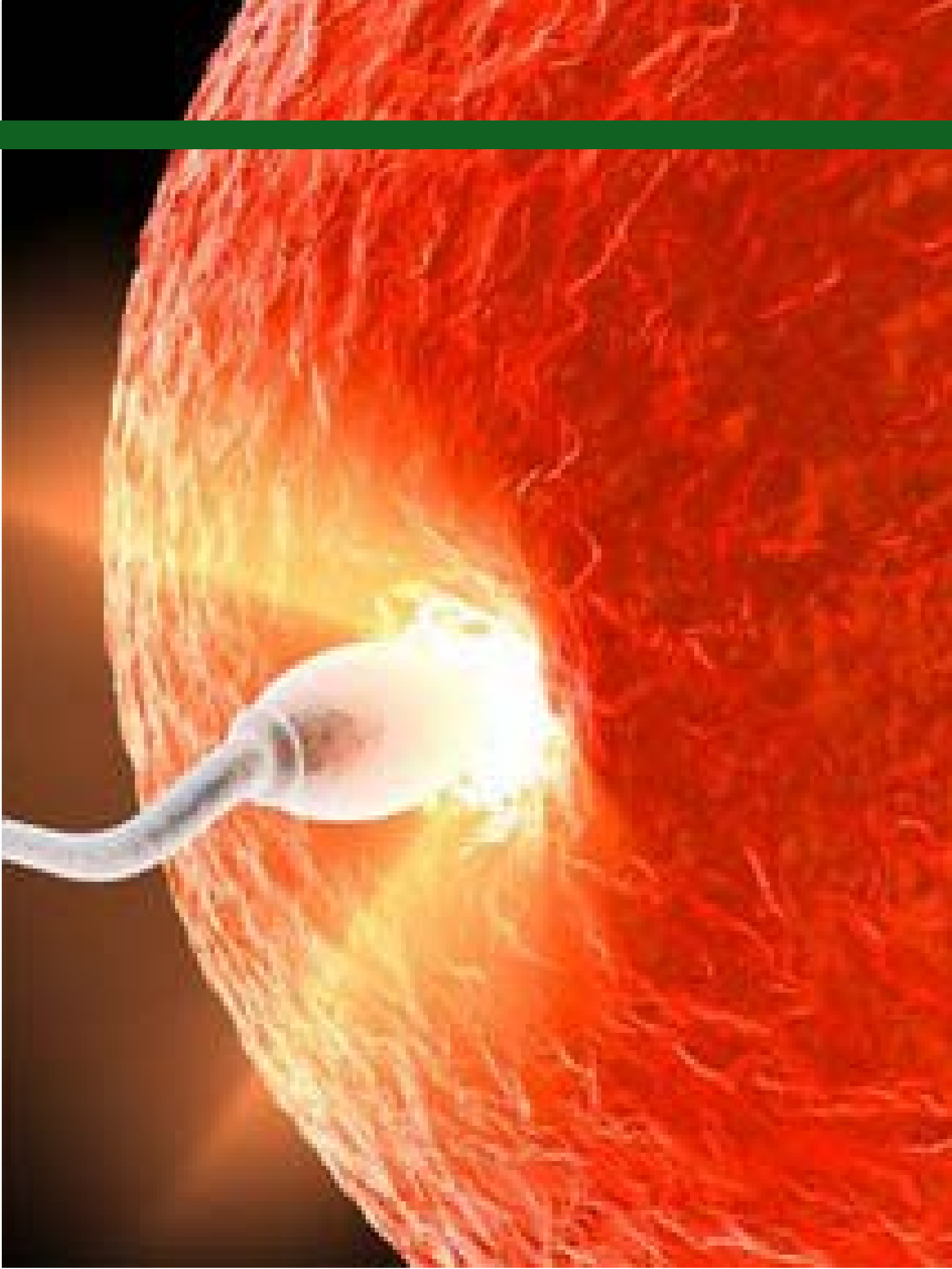
Queremos também reafirmar que somos pacíficos. Nosso pendor não é para contendas, por isso, vamos nos manter à margem das batalhas radicais que costumam envolver grupos extremistas pró e contra o aborto, preferindo o livre e saudável debate das ideias, com pleno respeito às convicções alheias.

O que se precisa acentuar é que, se é legítimo trazer à baila argumentos religiosos para contra-arrestar argumentos materialistas, os médicos que se dispõem a lutar pela vida podem, até mesmo, deixar à margem suas crenças pessoais para demonstrar por meio de argumentos científicos, e não de suposições, que a vida não só é um bem indisponível, mas que há

vida indisponível no feto. Consideramos esta uma questão básica em todas as questões bioéticas.

O pluralismo democrático diz respeito à convivência de opiniões, comportamentos e posições ideológicas distintas no seio de uma comunidade, porém não à prática de delitos em seu nome.

Nosso ponto de partida é: a vida é um bem indisponível. A defesa dessa tese, no caso do tema do aborto, leva à seguinte questão: “Onde começa a vida?” Para resolvê-la, é indispensável todo o concurso que a Ciência puder nos oferecer, ainda que ela não tenha as respostas a todos os quesitos. Sendo a vida um bem inalienável, atentar-se contra ela, seja em que fase for, é crime. Além disso, sendo possível demonstrar que o embrião tem vida, não haveria heresia maior do que se considerar o aborto um direito da mulher.





Cairia, automaticamente, por terra, sua propalada autonomia para decidir quanto à interrupção da gravidez.

A nosso ver, as consciências humanas têm um compromisso fundamental com a verdade, por isso devem mergulhar fundo no estudo do extraordinário fenômeno da vida, em busca do seu real significado, sem aceitar o raciocínio dogmático reducionista, que tenta encarcerá-lo num mero jogo de palavras, ao invés de discutir as inúmeras incógnitas para as quais o materialismo não tem respostas.

Inserimos, aqui, de forma resumida, as pesquisas e descobertas da Ciência no que diz respeito à vida e ao seu significado.

RAZÕES CIENTÍFICAS CONTRA O ABORTO

O Dr. Bernard N. Nathanson, em conferência proferida no “Colégio Médico de Madrid”, publicada na revista *Fuerza Nueva*, contou que, em 1971, assumiu a direção da maior clínica de aborto do mundo, o Centro de Saúde Sexual (CRANCH), situado ao leste de Nova York, onde atuavam 35 médicos e eram realizados 120 abortos diários, inclusive aos domingos e feriados, com interrupção apenas no dia de Natal. Até 1972, quando deixou a direção da Clínica, 60.000 abortos haviam sido realizados sob suas ordens, 5.000 deles feitos por ele, pessoalmente.

Na prática, Nathanson constatou que as estatísticas divulgadas pelos militantes pró-aborto eram falsas. Eles aumentavam, deliberadamente, o número de abortos intencionais praticados na clandestinidade, com a finalidade de justificar a necessidade de uma legislação favorável, no entanto, foi a legalização que escancarou as portas para o aumento exagerado dessa prática.

Na clínica, tudo parecia transcorrer bem, os problemas de profundidade, porém, eram muitos e pouco comentados. Em reuniões informais, Nathanson ficou sabendo, por relatos das esposas dos médicos, que muitos deles sofriam pesadelos durante a noite, acordavam gritando, referindo-se a sangue e a corpos de crianças cortados; outros bebiam demasiadamente ou abusavam de drogas pesadas, tendo necessidade de assistência psiquiátrica.

Com as enfermeiras, a situação não era diferente, algumas abandonaram a clínica chorando, outras se tornaram alcoólatras.

Em 1972, Nathanson deixou a clínica para assumir o cargo de Diretor do Serviço de Obstetrícia do Hospital São Lucas de Nova York, onde implantou o serviço de Medicina Fetal que realiza cerca de 50 tipos de cirurgia no interior do útero, com a finalidade de salvar e favorecer a vida do feto. Esta prática convenceu-o de que o feto é um ser humano, com todas as suas características, que deve desfrutar de **“todos os privilégios e vantagens como qualquer outro cidadão”**. Está convencido de que aborto é **“ato deliberado de destruição, um crime”**.

Steve Jones, professor de genética da University College de Londres e diretor do Galton Laboratory, afirma que **“anualmente, em todo o mundo, há cerca de noventa milhões de nascimentos e sessenta milhões de abortos provocados”**. É possível que estas cifras não sejam confiáveis no que concerne aos países onde o aborto é ilegal, dada a possibilidade de serem manipuladas por entidades militantes pró-aborto, de qualquer modo, porém, já são suficientemente assustadoras nos países onde a prática é legalizada para serem consideradas nesta discussão.

Jones lamenta que, na maioria das vezes, o especialista só se restrinja a um tipo de conduta, o de detectar um gene danificado e propor aos pais o aborto de um feto deficiente. Para ele, há um “quê” de deprimente nesta conduta.¹

Creemos, porém, que não basta lamentar, confinando-se às acesas controvérsias dentro das comunidades científicas. É preciso sair a campo e discutir com a sociedade dentro de normas que respeitem verdadeiramente o pluralismo, permitindo aos especialistas espiritualistas a livre expressão de suas ideias, sem serem constrangidos ao jugo do silêncio pelo patrulhamento agressivo dos reducionistas materialistas, como acontece atualmente.

Assim, para sermos fiéis à verdade e discutirmos, sem as amarras obliterantes de preconceitos, a complexa e multifacetada questão dos direitos do embrião, é indispensável analisarmos os argumentos científicos contrários

ao aborto. O primeiro passo nessa busca é a descoberta do verdadeiro significado do zigoto ou da célula-ovo à luz das Ciências da Vida. Afinal, ela carrega nossa herança de bilhões de anos de evolução.

É impossível, portanto, falar de dignidade humana sem conhecê-la. É o que procuraremos fazer a seguir, tendo como roteiro algumas das perguntas mais frequentes nos debates sobre o aborto provocado.

Seria o embrião um mero “amontoado de células”?

A célula-ovo é a nossa primeira morada. O desenvolvimento humano é um processo contínuo que começa quando o óvulo de uma mulher é fertilizado por um espermatozoide de um homem. Assim, uma única célula, o zigoto (célula-ovo), após muitas modificações, transforma-se em um ser humano multicelular. Moore e Persaud, ilustres embriologistas, afirmam que o zigoto e o embrião inicial são organismos humanos vivos, nos quais já estão fixadas todas as bases do indivíduo adulto. Sendo assim, não é possível interromper algum ponto do *continuum* – zigoto, feto, criança, adulto, velho – sem causar danos irreversíveis ao bem maior, que é a própria vida.

Com base nesta verdade científica, os grandes mestres, figuras notáveis da obstetrícia brasileira, Álvaro Guimarães Filho, Domingos Delascio, Ciro Ciari Jr., e Francisco Cerrutti, fizeram uma declaração conjunta: *“Abortamento induzido significa a eliminação de uma pessoa biologicamente viva”*.

Vemos, assim, que a célula-ovo surge no processo de concepção ou fertilização, no instante em que se fundem os dois gametas – o espermatozoide e o óvulo. No início, mede cerca de 130 micrômetros (medida dimensional histológica), um mês depois, porém, já terá um aumento de massa de dez mil vezes.

Em nenhum momento da história humana, de qualquer indivíduo, esta velocidade de crescimento se repetirá. Embora a Embriologia já tenha definido como certo ser o embrião inicial um organismo humano vivo, há os que insistem em reduzi-lo à condição de um “amontoado de células”, uma “coisa”, um “objeto”, totalmente dependen-

te do organismo materno, removível a qualquer tempo. Com tal espécie de premissa, alienada da realidade fática, reduz o extraordinário fenômeno da vida a um evento banal, destituído de importância.

Não é isso, no entanto, o que as pesquisas científicas revelam. Erwin Schrödinger, um dos pais da física quântica e grande incentivador do desenvolvimento da Biologia, ressalta que *“todo o padrão tetradimensional é determinado pela estrutura daquela única célula: o ovo fertilizado”*², chamando a atenção para o potencial extraordinário da célula-ovo, que encerra em si mesma todo o projeto de um novo ser e é capaz de construir um organismo adulto, com toda a sua complexidade.

Podem os genes determinar completamente o desenvolvimento humano?

Na verdade, a célula-ovo é a testemunha silenciosa e eloquente de cerca de três bilhões e 800 milhões de anos de nossa evolução biológica, um primor de sofisticação e complexidade; possui DNA característico, rico quimismo celular, e extraordinária capacidade de materializar energia.

A filogênese, a longa saga multimilenar da evolução das espécies, construiu e burilou os genes, moléculas helicoidais de ADN (ou DNA – ácido desoxirribonucleico), para que fossem perenes e tivessem um grau de complexidade crescente. Eles fazem parte do núcleo da célula e contêm toda a herança do indivíduo.

Richard Dawkins ressaltou que:³ *“os genes, como os diamantes, são para sempre”*, mas exagerou a importância deles na explicação da diversidade humana.

Com o término da primeira fase do Projeto Genoma, esse papel determinante não se confirmou. Constatou-se que o genoma humano tem cerca de 25 mil genes, se tanto, bem menos do que os 100 mil esperados. Os nossos genes, por exemplo, são 98,4 % idênticos aos dos chimpanzés, mas a diferença é menor ainda, na verdade, algo em torno de 0,16 %, tendo em vista que 90 % dos genes não têm papel codificante. Quais seriam, então, os genes que fazem a diferença? E por que tão vasta? Afinal



de contas, o nosso genoma tem apenas cerca de 300 genes a mais do que um rato.

A conclusão é que os genes não explicam o nosso jeito de ser, a inventividade que nos leva à comunicação por meio da linguagem falada e de textos de livros; o fato de termos consciência de passado, presente e futuro; de sermos dependentes de ferramentas e máquinas para sobreviver; de fazermos e apreciarmos arte; e também de utilizarmos nossa engenhosidade para destruir populações inteiras, abusar de drogas que levam à dependência; sentirmos prazer em torturar-nos uns aos outros e dizarmos centenas de animais de outras espécies.⁴

O fim da primeira fase do Projeto Genoma deu-nos a certeza de que temos de buscar respostas à diversidade humana em outra parte que não seja nos genes.

Há os que têm convicção de que a ciência um dia explicará todos esses fenômenos complexos, pela “via natural”, sem necessidade de recorrer à interferência divina ou a alguma estrutura imaterial no ser vivo, mantendo-se rígidos no paradigma materialista reducionista. Outros, cientistas, porém, pensam diferentemente. É o caso de Rupert Sheldrake, biólogo e pesquisador inglês. Ele crê que os sistemas vivos são por demais complexos, porque estão baseados em informação altamente eficiente, oriunda de um campo imaterial estruturador da forma – o campo mórfico ou morfogenético – que seria o responsável pela formação do ser⁵. No Brasil, o dr. Hernani Guimarães Andrade⁶, ilustre presidente do Instituto Brasileiro de Pesquisa Psicobiofísicas, falecido em 2003, chama esse campo de modelo organizador biológico.

Como vemos, a formação de um ser vivo ainda é um mistério para a ciência. Está repleta de complexidade e fatos inexplicáveis. Desde o início, a gestação desenvolve-se como uma verdadeira sinfonia sob a batuta de um maestro desconhecido.

Há uma perfeita coordenação de movimentos, que leva à clivagem (divisão das células), nidação na cavidade uterina, à formação da placenta e do líquido amniótico, e à continuidade do desenvolvimento fetal, sob a chancela de centenas de enzimas e hormônios, que funcionam harmonicamente na ligação materno-fetal.

Não há explicação científica para os processos reguladores dos embriões, sua capacidade de produzir tecidos e órgãos tridimensionais a partir das sequências unidimensionais existentes nas bases que estruturam os genes.

Enfim, a ciência ainda não explica como se chega a um bebê tridimensional, partindo de uma única célula unidimensional. Do mesmo modo, a ciência não explica, por que as células de um organismo, portadoras de núcleos com a mesma carga genética, são tão diferentes entre si, com formas e funções tão diversificadas e extremamente especializadas, quanto o são, por exemplo, os neurônios, os hepatócitos, as células do sangue etc.⁷

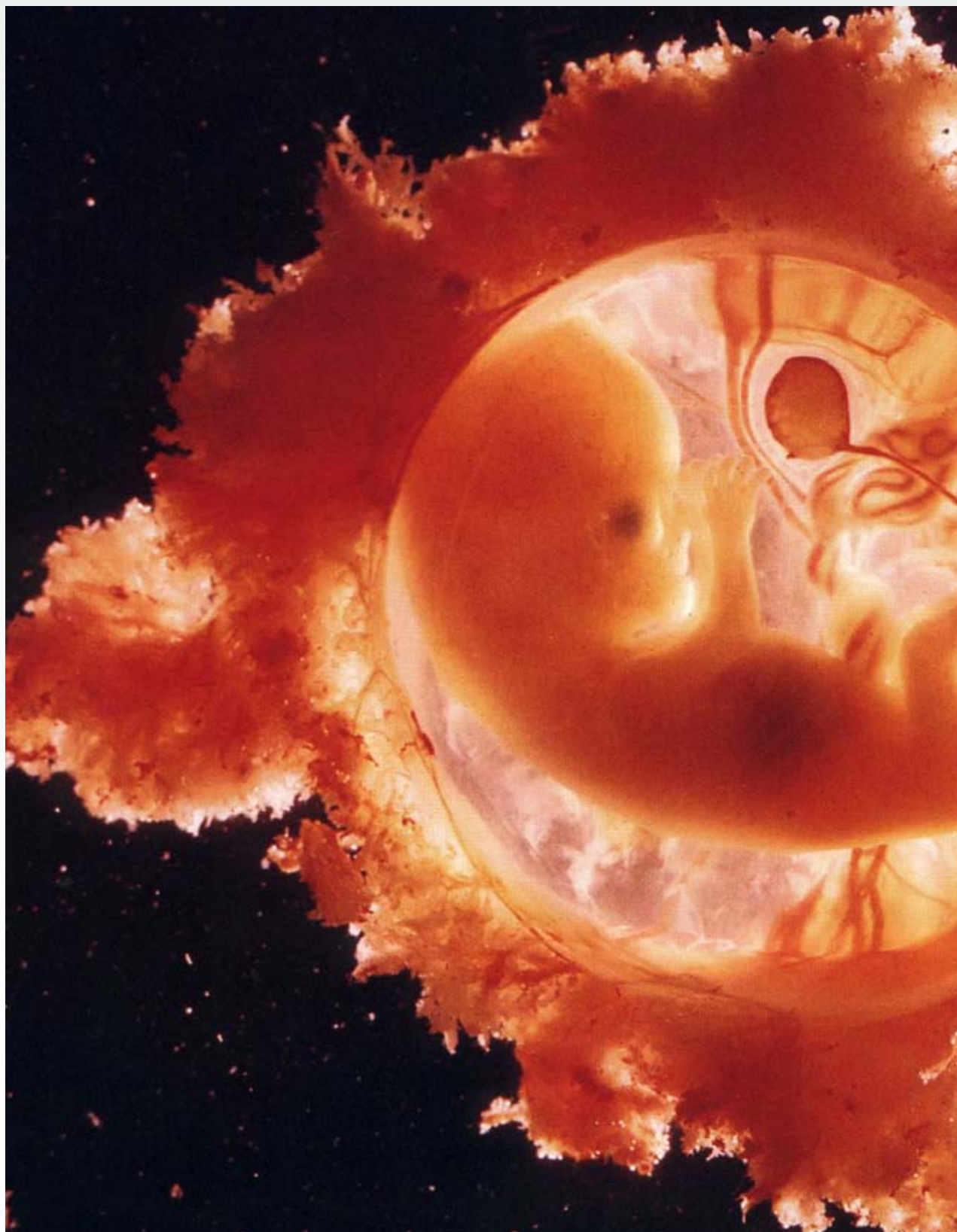
É o feto inteiramente dependente do organismo materno?

Os defensores do aborto ressaltam a autonomia da mulher, defendendo um pseudodireito de escolher quanto à interrupção da gestação. Para estes o feto não teria personalidade e estaria em total dependência do organismo materno.

Esses argumentos são contestados pela pesquisa científica. Claude Sureau, professor emérito da universidade Paris V, questiona esse pseudodireito soberano, que se pretende conferir à mãe, de decidir sobre a vida do filho em gestação, atribuindo a ela toda “competência” e “autonomia” sem levar em consideração outro direito primordial, inerente a todo ser humano, o da “indisponibilidade” da vida⁸.

Estudos científicos demonstram que há uma individualidade embriofetal muito nítida, tanto imunológica quanto psicológica, que pode ser acompanhada, desde muito cedo, por meio da ultrassonografia. Na realidade, há até mesmo um conflito de interesses materno-fetais, o que prova a personalidade distinta do feto. Por ser um corpo estranho no organismo materno, ele tem de lutar para manter-se vivo, para não ser rejeitado.

Estudo recente realizado pela equipe do prof. Andrew L. Mellor, do Medical College, Georgia, EUA, publicado na conceituada revista *Nature* (27/8/98), mostrou que há um mecanismo bioquímico de defesa do feto que procura driblar o da mãe. Ele produziria uma enzima, a IDO, que





procuraria neutralizar a ação do triptofano, aminoácido responsável pela produção de células de defesa tipo T do organismo materno.

Esta pesquisa coloca em xeque, portanto, o argumento de que a mulher grávida tem o direito de decidir se o embrião deve viver ou morrer, porque este não seria um ser à parte, não teria personalidade própria. Tanto a possui que ele é detentor de um patrimônio genético exclusivo. E, desde o período inicial da gestação, extravasa a sua inteligência através da capacidade de autogerir-se mentalmente; de adaptar-se e adequar-se a situações novas; de selecionar condições e aproveitar experiências, empregando aprendizado e memória. Tem, portanto, inteligência própria.

E podemos afirmar, com base na pesquisa, que é tão distinto da mãe que necessita produzir substâncias apropriadas para poder manter-se vivo, dentro do útero, fugindo do perigo de ser eliminado pelo sistema imunológico da hospedeira. E o mais interessante é que o organismo materno aceita a defesa do hóspede, concordando, tacitamente, com a gestação.

Esta luta do embrião para sobreviver dá-lhe o *status* de pessoa e demonstra que ele apenas se hospeda no organismo materno. A propalada autonomia da mãe, o seu direito de decidir, não se sustenta, portanto.

Mas há ainda muito mais certezas, quanto à verdadeira natureza do embrião, quando estudamos os novos aportes e derradeiras descobertas da ciência no campo da memória e do psiquismo fetal.

O feto possui uma psique própria?

A Dra. Alessandra Piontelli, psicanalista italiana, acompanhou durante vários meses, onze (11) fetos: quatro (4) gestações gemelares e três (3) singulares, a partir da 16ª semana de gravidez. Dentre as gestações gemelares, observou, através do ultrassom, 5 a 6 vezes ao mês, um caso de gêmeos dizigóticos ou bivitelinos (formados por dois ovos distintos), uma menininha e um menino. Seguindo-os por vários meses, familiarizou-se tanto com o “jeitão” deles que foi capaz de descrever para a mãe qual seria o comportamento de ambos após o parto. Ao

ultrassom, observou que a menina era expansiva, buscava o contato com o irmão, mas este se retraía e enfiava a cabeça na placenta ou tapava o rosto com as mãos, fugindo dela. Com base nisso, a Dra. Piontelli previu que a menina seria agitada, nervosinha, ao passo que o irmãozinho seria de temperamento retraído e acanhado. Para espanto da mãe, após o nascimento, tudo se confirmou: realmente ele era do tipo quieto e a menina fazia o gênero nervosa, irrequieta⁹.

Com suas observações, a psicanalista aclarou muitos aspectos da personalidade dos fetos observados durante sua pesquisa, antes mesmo do nascimento. Via-os chupando o dedinho, espreguiçando-se, esfregando os pezinhos e as mãozinhas, coçando-se, enfim, aproveitando a liberdade de movimentos dentro do líquido amniótico. Cada feto apresentava um comportamento muito próprio, tinha o seu “jeito” de ser. A Dra. Piontelli assinalava o traço marcante de cada um, se era calmo, nervosinho, pensativo ou se trazia, por exemplo, a característica de uma bailarina. Ela os acompanhou não apenas durante o período pré-natal, mas também no decorrer do primeiro ano de vida e muitos até completar cinco anos. E pôde constatar que o padrão de comportamento se confirmava, em todos os casos, no decorrer do desenvolvimento.

Verificou-se que, cada feto, assim como cada recém-nascido, é um ser altamente individualizado. Não é de modo algum uma *tabula rasa*, como se poderia supor, esperando ser moldado, exclusivamente, pelo meio ambiente. Tem vida emocional própria: experimenta prazer e desprazer, dor, tristeza, angústia ou bem-estar e tem um relacionamento intenso com sua mãe, sendo capaz de captar seus estados emocionais e sentir quais os sentimentos de afetividade dela em relação a ele.

Outra experiência interessante a demonstrar a existência da individualidade própria do feto foi realizada em 1982, por Anthony DeCasper, pesquisador norte-americano: ele instruiu um grupo de mulheres grávidas para que lessem, em voz alta, cinco semanas antes do parto, determinada estória infantil. Três dias após o nascimento, duas estorinhas foram lidas para os bebês: a que eles já conheciam, desde o final da gestação e outra desconhecida. As

reações foram medidas, através do número de sucções do bebê. Verificou-se que eles sugavam, com mais frequência, quando ouviam a conhecida.

Os problemas psicológicos ocorridos na fase pré-natal afetam a vida ultra-uterina. A Dra. Myriam Szejer, psicanalista de bebês, tem importante casuística de suas “conversas” com recém-nascidos, que demonstram o valor terapêutico delas no alívio e na solução desses conflitos. Um dos casos, relatado no seu livro *Palavras para Nascer*, é particularmente doloroso¹⁰.

Numa gravidez gemelar, havia uma malformação muito grave em uma das gêmeas. Segundo prognósticos médicos, ela poderia nascer, mas teria um curto período de sobrevivência. Como na França, onde a Dra. Szejer vive, o aborto é legal, os médicos aconselharam aos pais a interrupção *in utero* da vida do feto. Uma vez aceita a sugestão, a interrupção foi feita, tardiamente, tendo o feto morto permanecido no útero até o nascimento da irmã, o que se deu, por cesariana, 15 dias depois.

Mas tal como previra a Dra. Szejer, a gêmea sobrevivente, de nome Léa, teve sérios problemas, logo após o nascimento: não se alimentava e quando era amamentada à força, regurgitava sem parar, colocando em sério risco a sua vida. Os problemas eram óbvios para a psicanalista: Lea tinha atrás de si vários meses de companheirismo com a irmã gêmea, e esta, de repente, ficara inerte, desaparecendo depois, completamente, do seu contato. Foi preciso um trabalho muito intenso da Dra. Szejer, muitas “conversas” com Lea, até que a recém-nascida conseguisse se recuperar do luto da irmã, aprendendo a mamar sozinha, e em grande quantidade, para finalmente ganhar peso e alta hospitalar duas semanas depois.

Um caso interessante também para demonstrar também o psiquismo independente do feto é o narrado por Thomas Verny e John Kelly no livro *A Vida secreta da criança*, que influenciou especialistas em muitos países, inclusive no Brasil.

Verny ressalta a influência da mãe sobre o filho em gestação e diz que é preciso estar atento às diferenças. Há emoções negativas passageiras ou acontecimentos geradores de estresse que não vão prejudicar a formação dos

elos intrauterinos da dupla. Mas há outras fortes, no campo da rejeição. “*O perigo existe, quando ele (o feto) se sente rejeitado pela mãe ou quando suas necessidades físicas ou psicológicas são sistematicamente ignoradas*”, enfatiza ele¹¹. Verny conta o caso do bebê Kristina que lhe foi relatado pelo Dr. Peter F. Freybergh, professor de obstetrícia e ginecologia da Universidade de Upsala, na Suécia.

Kristina era um bebê robusto e comportado que revelou um estranho comportamento: recusava-se a mamar no seio da mãe. Aceitava mamadeira ou o seio de outras mães, mas não queria nada com o alimento materno.

O Dr. Peter, indagando da mãe a razão de tal comportamento, recebeu um “não sei” como resposta. Ela dizia não saber o motivo. Quando, porém, Dr. Peter foi mais incisivo na pergunta: “*Mas você desejava realmente esta gravidez?*” Ela esclareceu: “*eu queria abortar, mas meu marido desejava esta criança, então, mantive-a*”. “*Isto era novidade para Peter, mas obviamente não o era para Kristina*”, comenta o Dr. Verny. E acentua: “*Ela havia percebido há muito tempo a rejeição de sua mãe e recusava-se a formar a ligação com esta, após o nascimento. Afetivamente rejeitada no útero, Kristina, com apenas quatro dias de vida e inteiramente dependente, estava firmemente decidida a rejeitar sua mãe.*” E concluiu: “*É provável que, com tempo, amor e paciência, a mãe de Kristina ganhe, de novo, a afeição da criança. Mas esta já existiria se a ligação tivesse sido formada antes do nascimento*”¹².

Como e quando Kristina “soube” da rejeição? Os pesquisadores não têm ainda todas as respostas. Sabe-se, no entanto, que, desde o zigoto, existe a comunicação fisiológica ou biológica intensa, entre os dois seres, intermediada por hormônios, neurotransmissores, substâncias do sistema de defesa etc.; tudo devidamente registrado pela extraordinária capacidade de memorização do embrião, desde a formação da célula-ovo.

Por esses e outros dados, a Dra. Joanna Wilhelm afirmou, com justa razão:¹³ “***Se conceituarmos inteligência como a capacidade para autogerir-se mentalmente; adaptar-se e adequar-se a situações novas; selecionar condições e aproveitar experiências – o que impli-***



ca aprendizado e memória –, podemos concluir que de fato elas estão presentes no feto desde o período inicial da gestação”.

Por tudo isso, concluímos que existe uma individualidade no feto que não pode ser marginalizada como se fosse a massa amorfa de um tumor que se pudesse extrair por decisão da mulher.

O feto teria memória antes da formação do cérebro?

Em meados da década de 1980, a neurocientista Candace Pert¹⁴ e colaboradores, no National Institute of Mental Health, em Maryland, realizaram pesquisas com neurocondutores e os resultados causaram verdadeira revolução conceitual. A Dra. Pert identificou um grupo de neuropeptídeos – moléculas fabricadas pelo Sistema

Nervoso –, que permitem o diálogo entre os sistemas nervoso, imunológico e endócrino. Ela chegou a esses resultados, realizando o mapeamento através de moléculas radioativas, o que lhe permitiu rastrear as ações nas diferentes partes do organismo.

O sistema nervoso, constituído do encéfalo e da rede de células nervosas espalhadas por todo o corpo, é a sede da memória, do pensamento e da emoção. O sistema endócrino, formado pelas glândulas endócrinas e os hormônios, é o regulador do organismo, integrando as várias funções somáticas. O sistema imunológico, que abarca o baço, a medula óssea, os nódulos linfáticos e células imunológicas que circulam no corpo, é o sistema de defesa do organismo, responsável pela integridade dos tecidos, controle e

cura das feridas, restauração dos tecidos e combate aos ataques à economia orgânica. Pois bem, as pesquisas da Dra. Pert demonstraram que estes sistemas estão interligados, formando uma única rede psicossomática.

Constatou-se que cerca de 60 a 70 desses neuropeptídeos, antes somente conhecidos como hormônios, neurotransmissores, endorfinas, fatores de crescimento, etc., constituem o principal meio de veiculação de informações dentro do cérebro e do corpo, contando para isso com receptores específicos.

Estes estão espalhados na superfície de todas as células, transformando o corpo-cérebro em um único sistema de comunicação interacional.

É preciso enfatizar, portanto, que o corpo-cérebro representa o substrato físico da memória – ou mente – que, além deste, conta ainda com outro, imaterial, a informação que circula dentro dele. A memória, assim, está espalhada pelo corpo todo e se expressa por outras vias que não aquelas comumente relacionadas.

A partir desses estudos, é possível compreender que, além dos vários tipos de memória comumente considerados: recente, antiga, semântica, autobiográfica, afetiva, perceptiva, motora, de reconhecimento, de recordação etc., há os registros embrionários, inclusive a “memória celular”. Neste último caso, é preciso considerar os registros mnemônicos (*imprints*) das experiências vividas pelas duas células reprodutoras básicas – espermatozoide e óvulo – que trazem, assim, um patrimônio de “memórias” para o zigoto ou célula-ovo. A descoberta da memória celular com o mapeamento de 60 neuropeptídeos que estocam informações imunológicas, endocrinológicas e neurológicas, fazendo circular informação em todo o corpo, entusiasma os especialistas, que têm agora, não só importantes explicações para melhor compreensão das patologias de sua área de atuação, como também perspectivas maiores de ampliar os recursos terapêuticos.

Esses resultados indicam, claramente, a potencialidade extraordinária de uma única célula – o zigoto ou célula-ovo –, que traz em si mesma um patrimônio considerável de força, vitalidade e criatividade.

Por essas experiências da Dra. Candace Pert, constatamos que a memória independe de sistema nervoso perfeitamente estruturado e funcionante, porque já existem dezenas de neuropeptídeos circulando, desde o início da embriogênese.

Por exemplo, em um embrião de sete semanas, já se detecta a presença de endorfinas, uma dessas substâncias que faz o diálogo entre os sistemas nervoso, endócrino e imunológico.

Mesmo no anencéfalo, feto que possui somente parte do córtex ou apenas o diencefalo, cérebro ligado à função inconsciente, vegetativa, estes neuropeptídeos já circulam, desde o começo da gestação, ainda que de forma imperfeita.

Ainda com relação à memória há outro contexto da investigação. A psicoterapia transpessoal já detectou o armazenamento, na fase adulta, de lembranças que ocorreram muito no início da vida intrauterina e que, sob hipnose, o indivíduo é capaz de resgatar. Muitos bebês rejeitam suas mães ao nascerem por guardarem lembranças desagradáveis da vida intrauterina, como o pensamento de rejeição ou a tentativa de aborto, conforme tivemos oportunidade de ver no caso do bebê Kristina.

Para concluir este resumo sobre a memória, queremos lembrar um dos grandes paradoxos da Biologia Molecular, que ainda está para ser decifrado pelos neurobiólogos, o da renovação perpétua das moléculas do sistema nervoso, em contraposição ao armazenamento da memória por 80 anos ou mais da vida do indivíduo. Com a breve duração das moléculas que compõem as sinapses do sistema nervoso, fica difícil explicar, com a teoria reducionista materialista, a persistência da memória por décadas a fio.

O mesmo já não acontece se recorrermos às hipóteses explicativas de Rupert Sheldrake e Hernani Guimarães Andrade, uma vez que a memória ficaria armazenada no campo imaterial estruturador da forma, independentemente, da matéria física, cuja característica é a da renovação constante.



O acaso explicaria a origem da vida?

A partir deste ponto, o debate sobre o aborto provocado nos leva a um nível ainda mais profundo. Pois o mistério da complexidade do feto é o mistério da própria vida, de modo que temos de nos debruçar sobre esse tema fascinante se quisermos responder por completo à pergunta: “Onde começa a vida?”. Não há dúvida de que o assunto “origem da vida” é bastante complexo, mas é indispensável tocar nele, quando se pretende descobrir o real significado da existência humana.

Não será possível desenvolvê-lo mais amplamente, aqui, como o fizemos em *O Clamor da Vida* (NOBRE, 2000), apenas tocaremos em alguns pontos relevantes para o encaminhamento da discussão.

A teoria darwiniana não pode explicar suficientemente todo o processo evolutivo, isto é, o surgimento da vida. A teoria do acaso tem sido a maneira fácil de retratar a ignorância sobre o assunto. Em *O Acaso e a Necessidade*, um dos seus defensores Jacques Monod, sustenta a idéia: ensaios, erros e acertos teriam levado as primeiras moléculas ao pleno desenvolvimento; a evolução poderia ser compreendida como um jogo: de um lado, haveria a intervenção das mutações no material genético dos seres vivos; de outro, a seleção natural, tal como a concebeu Darwin.

No entanto, François Jacob,¹⁵ que compartilhou o prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina de 1965, com Monod, destrói o argumento da casualidade. Em *La Logique du Vivant (A Lógica do Ser Vivo)*, ele demonstra que o tempo e a aritmética se opõem a essa evolução patrocinada por microeventos, com as mutações acontecendo cada uma ao acaso: para se extrair de uma roleta, golpe a golpe, cada uma das 100 mil cadeias

protéicas que compõem o corpo de um mamífero seria preciso um tempo muito superior àquele da duração do sistema solar, segundo os cálculos da própria ciência, o que, por si só, elimina a tese de que a vida possa ter surgido por acaso.

Outro cientista que demonstra a impossibilidade de ater-se ao acaso para explicar a transformação de átomos em corpos humanos é Michael Behe, professor

-adjunto de bioquímica da Universidade de Lehigh, Pensilvânia, EUA, autor do instigante livro, *A Caixa Preta de Darwin*, que faz críticas à teoria darwiniana, e apresenta a sua própria, a Teoria do Planejamento Inteligente.

“Dizer que a evolução darwiniana não pode explicar tudo na natureza, não equivale a dizer que a evolução, a mutação e a seleção natural não ocorram”, ressalta ele, reconhecendo que ela constituiu um grande avanço conceitual¹⁶.

Coloca-a, no entanto, em xeque, demonstrando, ao estudar a macroevolução, a impossibilidade de explicar-se, através da seleção natural e das mutações aleatórias, os grandes saltos evolutivos, como, por exemplo, o que ocorreu no período cambriano, com o aparecimento de uma fauna e flora luxuriantes, em contraste com o longo silêncio dos períodos anteriores. Na verdade, esses longos períodos estáveis são a norma, de modo que as súbitas transições não podem ser explicadas pelas mutações aleatórias da teoria darwinista.

A tentativa de Stephen Jay Gould e Niels Eldredge com a teoria do Equilíbrio Pontuado para explicar esses períodos muito breves de grande explosão de novos animais e plantas, em meio a outros, em que milhões de anos transcorrem, sem grandes mudanças, é obrigada a socorrer-se do acaso criador, transformado assim em um deus. Outro embasamento não possui a teoria Neutralista do geneticista Motoo Kimura (*The Neutral Theory of Molecular Evolution*) ao pretender explicar as flutuações estatísticas aleatórias (ou desvio genético): elas ocorreriam também “ao acaso”. Na mesma linha de pensamento, reconhecendo que a teoria darwiniana tem falhas, o matemático Stuart Kauffman (Teoria da Complexidade) socorre-se da hipótese do acaso, ao afirmar que os fundamentos do ser vivo podem surgir espontaneamente através da auto-organização, uma maneira de eludir a dificuldade¹⁷.

Michael Behe comenta que nenhum dos dois, nem Kimura, nem Kauffman, explicam como as estruturas bioquímicas específicas surgiram. No caso da teoria de Kauffman, ficam de fora todos os aspectos específicos dos organismos, porque ele os reduz à categoria de símbolos matemáticos, manipulando-os em seguida. Mas “a natu-

reza é *lixiviada*”, acentua Behe.

De fato, a matemática é instrumento poderoso, mas **“útil à ciência apenas quando os pressupostos com que inicia a análise são verdadeiros”**¹⁸. A teoria de Kauffman seria, assim, uma ilusão, insuficiente como as explicações de Darwin e de Dawkins acerca dos sistemas bioquímicos complexos.

Seria casual o arranjo das partes de uma célula?

Aos que continuam ainda aferrados às forças cegas do acaso, Michael Behe pede explicações científicas quanto à formação de estruturas complexas, tais como o olho humano, o cílio ou flagelo; a coagulação sanguínea etc. É preciso que os defensores dessas forças deem uma descrição detalhada, passo a passo, do processo pelo qual a mutação aleatória e a seleção natural foram capazes de construí-las ao longo de bilhões de anos de evolução. Não vale apenas dizer que isto se deu por acaso, é preciso que se demonstrem, através de explicações bioquímicas genuínas, quais foram e como se uniram os componentes dessas estruturas.

Até agora, o seu pedido não obteve nenhuma resposta plausível.

Ao contrário dos apologistas do acaso, Behe concluiu, tomando por base o espantoso progresso das pesquisas, que a célula obedece a uma programação e afirma, corajosamente, que os cientistas não têm mais como se omitir: o ser vivo só pode ser explicado pela Teoria do Planejamento Inteligente.

Do estudo bioquímico da célula, diz ele, vem um grito de certeza: **“Planejamento!”**, nela existe o **“arranjo intencional das partes”**. Enfim, não há como fugir: a investigação da célula deixa claro o planejamento. A questão volta-se toda para o planejador.

Muitos acham que **“não constitui boa ciência oferecer o sobrenatural como explicação de um evento natural”**. Em realidade, a interferência do acaso, como força criadora e organizadora, seria mais sobrenatural do que agente inteligente desta ordem.

Behe não vê razão para o temor de que as explicações sobrenaturais derrotem a ciência: **“O compromisso fi-**

losófico de alguns indivíduos com o princípio de que nada existe além da natureza não deve ter permissão de interferir em uma teoria que flui naturalmente de dados científicos observáveis”²⁰. Respeitemos as conquistas da ciência – aconselha –, porque sobreviveremos a todas as suas mudanças conceituais tal como já o fizemos no passado.

Outros pesquisadores também já estão convencidos de que as explicações com fundamento na casualidade são absolutamente insatisfatórias. M. Schutzenberg afirma que é preciso **“ter uma fé quase cega na teoria darwiniana para acreditar que apenas o acaso poderia ter produzido na linhagem dos pássaros todas as modificações necessárias para transformá-los em máquinas voadoras altamente eficientes. Ou que as mutações aleatórias teriam levado à linhagem de mamíferos depois da extinção dos dinossauros – dado que os mamíferos estão muito longe dos dinossauros ao longo do caminho que conduz dos peixes aos répteis”**²¹.

Lynn Margulis, professora emérita de biologia da Universidade de Massachusetts, ecologista, escritora, afirma que o neodarwinismo é fundamentalmente falho, porque está baseado no paradigma reducionista, e acentua que a história acabará por julgá-lo uma **“pequena seita religiosa do século XX, dentro da fé religiosa da biologia anglo-saxônica”**²². Margulis tem também uma hipótese explicativa para a evolução: em lugar da competição e da luta, propostas por Darwin, o progresso na escala filogenética dar-se-ia, através de cooperação e simbiose. Nesse caso, os organismos se ajudam, conjugam forças, e realizam juntos o que não podem fazer separados.

O que temos visto é que o ser vivo é um mistério para os cientistas, embora eles não gostem de confessá-lo publicamente. De onde vem esse desânimo? O que há de verdade sobre as origens? Sabe-se muito pouco, apesar dos esforços exaustivos de cientistas notáveis, a maioria deles justamente condecorados com o Prêmio Nobel, pela excelência de suas produções, em suas áreas de especialização.

Francis Crick, um dos descobridores da dupla hélice de DNA, morto recentemente, diante do mistério das ori-



gens, declarou: ***“Um homem sensato, armado de todo o saber à nossa disposição hoje, teria a obrigação de afirmar que a origem da vida parece atualmente dever-se a um milagre, tantas são as condições a reunir para viabilizá-la”***²³.

De fato, um estudo desapassionado revela que a vida dança no fio da navalha: se uma das constantes físicas universais, por exemplo – a velocidade da luz, a constante gravitacional ou a de Planck – tivesse sido submetida, na origem, a uma alteração ínfima, o Universo não teria tido nenhuma chance de abrigar seres vivos e inteligentes. Este simples fato deveria alertar os defensores das teorias embasadas no acaso quanto à existência de um projeto, de uma finalidade no Universo. Se fossem mais humildes, perceberiam a imensa sabedoria por detrás de tudo isso e o tamanho da nossa ignorância em abarcá-la e reconhecê-la.

Quantas enzimas o acaso colocaria dentro de uma célula?

A vida é um fenômeno tão complexo que os especialistas ainda não conseguiram chegar a um consenso para defini-la. E é exatamente esta complexidade que nos permite rejeitar a tentativa de explicá-la mediante o acaso. E a esta tarefa se tem dedicado grupos de pesquisadores a partir dos extraordinários avanços da biologia molecular que lhes tem permitido devassar a intimidade da célula, demonstrando a incapacidade das teorias do acaso explicarem o fenômeno vida.

Nesse sentido, encontramos o livro *Deus e a Ciência*, escrito pelo filósofo Jean Guitton e dois doutores em Física teórica, Igor e Grichka Bogdonov. Tomemos um caso concreto relatado por Grichka Bogdonov. Uma célula viva é composta de uns vinte aminoácidos que formam uma cadeia compacta; esses aminoácidos, para funcionarem, dependem de cerca de duas mil enzimas específicas.

Biólogos e matemáticos calcularam a probabilidade de que mil enzimas diferentes, portanto a metade do necessário, pudessem juntar-se ao acaso, de modo ordenado, para formar uma célula viva ao longo de uma evolução de bilhões de anos: a probabilidade de que isto viesse a







acontecer é da ordem de 10 elevado a 1.000 contra um. Uma impossibilidade estatística: a vida, portanto, não pode ter surgido por acaso.

Daí concluir Igor Bogdanov²⁵ que a aventura da vida desde as formas primárias até as mais elevadas conduzem à admissão de um princípio organizador que as conduziu através de uma escada ascendente. Há, portanto, “um fenômeno de ordem subjacente” que conduz inelutavelmente ao surgimento da vida. O Grande Planejador de Behe é a Sublime Consciência do Universo – Deus –, que estaria por trás dessa ordem subjacente. Ele seria o Supremo despenseiro da Vida.

Isso nos leva a concluir que a vida é, sim, um bem outorgado, indisponível, inalienável, que transcende os limites estreitos da matéria.

Por que ordem a partir da desordem?

Desde os filósofos gregos, tomamos conhecimento do movimento perpétuo dos átomos, mas só no século dezenove ele foi confirmado, sendo também chamado de agitação térmica, apresentando-se, de modo geral, completamente desordenado.

Eles movem-se, vibram, rodopiam, colidem, naturalmente, sem que necessitem de nenhuma força motriz para isso. Nos organismos vivos, porém, os átomos abandonam esse movimento caótico natural, e passam a ter um comportamento ordenado.

Não deixa de ser impressionante, como observou E. Schrödinger²⁶, a capacidade do organismo vivo de concentrar um “fluxo de ordem” para si mesmo e escapar, dessa forma, de decaimento no caos atômico – de “absorver ordem” de um ambiente conveniente.

Ao contrário, portanto, do que ocorre com a matéria inanimada, o Universo do vivente é caracterizado por um grau de ordem crescente: enquanto o Universo físico caminha em direção a uma entropia cada vez mais elevada, o vivente percorre, de certo modo, a corrente contrária, para criar cada vez mais ordem.

Por que razão o ser vivo surge, assim, como uma estrutura ordenada no seio do caos?

Segundo a visão reducionista, a explicação estaria na constituição da molécula orgânica que possui um número muito grande de átomos; com a cooperação entre eles, as leis estatísticas começam a operar e a manter um controle sobre o comportamento desses conjuntos, passando o movimento a ser ordenado.

É o que acontece com toda a expressão de vida até hoje conhecida na Terra, que se baseia em uma ou duas centenas de unidades – as chamadas “moléculas da vida” – os aminoácidos e os nucleotídeos –, que contêm entre 10 e 100 átomos.

Sem dúvida, a constituição da molécula orgânica é importante, mas, por si só, não explica a complexidade da vida, razão pela qual a célula é “lixiviada”. E mais ainda, o organismo vivo tem um modo específico de organização, nele, o ser e o fazer são inseparáveis.

Com a impossibilidade de se explicar a vida através do paradigma cartesiano – que reduz o funcionamento de um sistema complexo como o do ser vivo às propriedades de suas partes – especialistas introduziram na biologia, nas primeiras décadas do século XX, o pensamento sistêmico. Para estes, os organismos seriam descritos por seus elementos químicos, mais relações organizadoras. Desse modo, os seus componentes estariam relacionados à maneira de rede; tudo o que acontece num ponto dela influenciaria o conjunto. Surgiu assim, em contraposição ao reducionismo, a teoria da auto-organização, fundamentada, principalmente, nas idéias de Maturana e Varela, Gregory Bateson e Prigogine, associadas às da matemática da complexidade, de Kaufmann.²⁷ Embora tenha trazido esclarecimentos importantes, esta teoria não oferece, todavia, nenhuma pista aceitável quanto à transição do inanimado para o animado.

Outra teoria bem antiga é a do vitalismo, que preconiza a presença de uma estrutura imaterial no ser vivo, responsável por sua estrutura ordenada no seio do caos e pelo armazenamento de todas as suas experiências. Embora a maioria dos pesquisadores a rejeite, para os que a aceitam, chamados atualmente de neovitalistas, ela permanece como única explicação plausível.

Por que a vida obedece a convenções?

Além de gerar ordem, o ser vivo obedece a convenções inexplicáveis que denunciam um princípio diretor que não o acaso. Na intimidade dos átomos, os elétrons promovem ligações entre eles – ligações covalentes –, possibilitando, assim, a construção de moléculas mais duráveis. Além desta convenção, há uma considerada universal: a dos aminoácidos “esquerdos”, isto é, que possuem quiralidade esquerda, e a dos açúcares “direitos”, de quiralidade direita.

Entende-se por quiralidade a propriedade geométrica que caracteriza a não identidade de um objeto em relação à sua imagem no espelho. A mão direita e a esquerda são exemplos de objetos quirais, antípodas um do outro (imagens um do outro no espelho). A respeito desse arranjo, Cairns-Smith indaga: **“O fato de esta simples convenção ser universal constitui uma das características mais singulares da unidade da bioquímica. Qual terá sido a origem deste acordo?”**²⁸.

Abdus Salam, notável físico que, juntamente com Steven Weinberg e Sheldon Glashow, obteve o Prêmio Nobel de Física em 1979, pelo trabalho sobre a unificação da força eletromagnética com a nuclear fraca (força eletrofraca) acredita que a resposta esteja na Sabedoria de Deus, que criou a força organizativa da vida. Suas pesquisas demonstraram **“que os aminoácidos de quiralidade esquerda e os açúcares de quiralidade direita são muito mais estáveis que as moléculas de quiralidades opostas”**, sendo essa a razão pela qual a natureza escolheu unicamente esse tipo de arranjo vital²⁹. Salam acredita que a força eletrofraca é de origem divina, e que Deus criou a partícula Zo para fornecer quiralidade às “moléculas da vida”.

O físico Grichka Bogdonov comenta a respeito dessas forças e afirma que o acaso não pode explicá-las. **“Por exemplo, existe na química um princípio hoje conhecido pelo nome de “estabilização topológica de cargas”. Essa “lei” implica que as moléculas que comportam, em sua estrutura, cadeias de átomos em alternância** (especialmente o carbono, o nitrogênio e o oxi-

gênio) **formam, ao se reunir, sistemas estáveis. De que sistemas se tratam? Estes elementos nada mais são do que as peças fundamentais que compõem a mecânica do vivente: os aminoácidos. Sempre segundo a mesma lei de afinidade atômica, eles vão se reunir, por sua vez, para formar as primeiras cadeias desses preciosos materiais de vida que são os peptídeos”**.³⁰

E há ainda mais convenções e mais incógnitas: como os genes aprenderam a se copiar? Como se dá a ligação gene-proteína? Enfim, é preciso que se explique como se dá o perfeito entrosamento entre o *hardware* e *software*, a razão da escolha exata do alfabeto de aminoácidos e do conjunto de correspondências entre as letras de aminoácidos e as palavras de ácido nucleico – o código genético.

Para isso, é preciso lembrar outra “lei” inscrita na matéria que permitiu o prodígio da reprodução. Vejamos como a explica o físico Igor Bogdanov: **“os aminoácidos mais polares** (isto é, os que comportam uma carga eletrostática elevada) **são espontaneamente atraídos por moléculas nitrogenadas, enquanto os menos polares agregam-se antes a outras famílias, como a da citosina. Assim nasceu o primeiro esboço do código genético: ao se aproximar de certos nucleotídeos (e não de alguns outros), nossos famosos aminoácidos elaboraram lentamente os planos de sua própria construção, depois os instrumentos e materiais destinados a fabricá-los”**³¹.

Estas operações poderiam ser produzidas pelo acaso? Um acaso mais inteligente do que a inteligência humana? Como um jogo de loteria poderia explicar a vida e a própria inteligência do homem? A palavra mistério com que muitos investigadores procuram esconder a própria ignorância sobre a origem da vida não resolve o problema. É um modo apenas de escamotear a verdade: o acaso não pode explicá-la.

Nos elementos infinitesimais que compõem a célula, nas chamadas nanoferramentas, há ordem a partir da desordem, entrosamento perfeito de informações incrivelmente complexas e produtividade total, incomparável-



mente superior à mais organizada das fábricas terrenas. Esta constatação levou Paul Davies a escrever: ***“O milagre da vida não é que ela seja feita de nanoferramentas, mas que essas diversas partes minúsculas estejam integradas de um modo altamente organizado”***.³²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O inventário minucioso do fenômeno vida levou-nos invariavelmente à mesma conclusão: A vida é uma concessão, um bem outorgado, do qual não se pode dispor.

O fato é que o ser humano nem de longe, nem de perto, “fabricou” moléculas da vida. Nunca conseguiu, nos tubos de ensaio, utilizando as condições prebióticas, a síntese de ribossomos, proteínas, nucleotídeos, enfim, de substâncias químicas básicas que entram na fórmula do ser vivo. Isto só vem reforçar a certeza da existência de uma Inteligência Superior na base do planejamento da vida, que não consegue ser entendida ainda dados os poucos recursos da inteligência humana.

Diante de um organismo vivo, a questão básica é esta: Quem tem o direito de eliminá-lo? O médico? A mãe? O pai? O Estado? Do ponto de vista ético, quem deve decidir se um ser vive ou morre?

Fernando de Magalhães, ilustre jurista de nosso país, responde, com convicção, ***“o embrião é um sujeito de Direito e pelo Código Civil todo sujeito de Direito é uma pessoa, é um indivíduo, é alguém. E pelo Código Penal, matar alguém é crime”***.³³

Este é o ponto de vista da Ciência também.

O embrião, portanto, não pertence à mãe, ao pai, ao juiz, à equipe médica, ao Estado. Pertence, exclusivamente, a ele mesmo, porque a vida lhe foi outorgada, é um patrimônio intrínseco, inerente à sua condição de organismo humano vivo.

Mesmo no caso do feto anencéfalo, é crime, porque o fenômeno vida não é da alçada humana, a não ser para salvá-la; para eliminá-la, jamais.

Aprendemos, com a genética, que a diversidade é a nossa maior riqueza coletiva. E o feto anômalo, mesmo o portador de grave deficiência, como é o caso do anen-

céfalo, faz parte dessa diversidade. Deve ser, portanto, respeitado. Reconhecemos que a mulher, ao gerar um feto deficiente, pode precisar de ajuda psicológica. Mas uma mulher que abortar intencionalmente encontrar-se-á em situação muito pior, carregando o complexo de culpa a carecer ainda mais de ajuda psicológica.

Isto é algo que os defensores do aborto nunca comentam, mas é comum e traz muito sofrimento. Trata-se da depressão que surge, geralmente, à época da menopausa, tendo como causa o complexo de culpa por aborto praticado. Hanna Wolff, analista junguiana, entre outros psicoterapeutas, constatou, ao longo de sua experiência como terapeuta, essa ligação muito próxima entre aborto e depressão: ***“É precisamente a facilidade com que, hoje, é possível abortar, a causa das depressões de tantas mulheres na idade da menopausa. Aquelas que antes eram as primeiras a defender o direito de ‘gerir o próprio corpo’, vemo-las, depois, prostradas em sua própria infelicidade. A psique não conseguiu superar a barbárie do aborto. É que, sobre isso, os nossos legisladores nada entendem, e muito menos os tais ‘especializados’ a que estes mesmos legisladores recorrem para resolver o assunto”***.

Não se pode deixar de aplaudir o extraordinário esforço desenvolvido pelas clínicas de Medicina Fetal que realizam, rotineiramente, graças aos avanços da tecnologia, intervenções cirúrgicas intrauterinas, com vistas à cura de doenças que poderiam se agravar ou tornarem-se irreversíveis, após o parto. Já não podemos concordar quando elas aconselham às mães o abortamento no caso de anomalias fetais.

Constatamos, com pesar, que setores do Governo, do Judiciário, e da sociedade têm incentivado, de forma contundente, a legalização do aborto em nosso país. Esperamos que esta triste hipótese não venha a se concretizar, contudo, é impossível deixar de imaginar como seria a aplicação da prática abortiva às camadas mais pobres de nossa população, tendo em vista a insuficiência de leitos até mesmo para as nossas gestantes. Diante dessa situação, não seriam as clínicas particulares

as mais interessadas na legalização? E seria razoável empregar o dinheiro arrecadado com os impostos para sustentar clínicas comprometidas com a morte e não com a vida, em evidente distorção da verdadeira missão da Medicina? Não seria muito mais lógico empregá-lo em campanhas educativas maciças sobre maternidade e paternidade responsáveis, com a implantação efetiva e permanente de um programa de planejamento familiar?

Esperamos, com toda sinceridade, que o bom-senso e o verdadeiro espírito de fraternidade prevaleçam nas decisões dos legisladores de nosso país, porque é certo que tudo aquilo que um povo coloca na Constituição, como lei máxima a reger- lhe os destinos, isto mesmo recolherá da Justiça Divina – Instância Superior à qual todos nós estamos subordinados. Por tudo quanto vimos, fica evidente, para nós, que aqueles que se envolvem, qualquer que seja sua profissão, na causa pró-aborto, estão contribuindo, de forma efetiva, para o crescimento da violência no mundo.

1. STEVE, Jones. A linguagem dos genes, cap. 15. Lisboa : Difusão Cultural, imp. 1995..
2. O Que é Vida, pp. 32 e 33.
3. DAWKINS, Richard. O Gene Egoísta, cap. 3, Espirais Imortais.
4. Acompanhe o raciocínio de Jared Diamond na conferência em Dublin, no livro comemorativo das palestras de Schrödinger: O Que é Vida?, 50 Anos Depois, cap.4, p. 54 e seg.
5. Veja Seven Experiments That Could Change the World, pp. 21 a 58 e Uma Nova Ciência da Vida.
6. Ver Espírito, Perispírito e alma cap.IX, pp. 216 e 217.
7. Dieu, existe-t-il? Non...répondent, François Jacob.
8. L'Embryon Humain, est-il humain?, p. 13, 1a ed. Presses Universitaires de France, 1996.
9. Do Feto à Criança, cap. 3, pp. 115 a 133.

10. Veja os importantes livros da Dra. Myriam Szejer, entre eles: Palavras para Nascer: A escuta psicanalítica de bebês em maternidade: nove meses na vida da mulher.
11. A Vida Secreta da Criança Antes de Nascer, cap. 4.
12. A Vida Secreta da Criança Antes de Nascer, cap. 4.
13. O Que é Psicologia Pré-Natal.
14. Veja as referências sobre esse trabalho feitas pela Dra. Joanna Wilhelm em O Que É Psicologia Fetal, p. 57 e A Caminho do Nascimento, pp. 152 a 158 e as do físico Fritjof Capra em A Teia da Vida, cap. 11.
15. Entrevista no livro Dieu? Existe-t-il? Non... répondent, p. 20.
16. Acompanhe o raciocínio de Behe em A Caixa Preta de Darwin, Parte III, cap. 8 , p 179.
17. A Caixa Preta de Darwin, Parte III, 8, p. 179.
18. Citado por Michael Behe em A Caixa Preta de Darwin, Parte III, cap. 8, p. 182.
19. Acompanhe o raciocínio de Behe em A Caixa Preta de Darwin, Parte I, pp. 24 a 34; Parte III, cap. 9 e 10.
20. A Caixa Preta de Darwin, cap. 11, p. 253 e 251
21. Citado por Ervin Laszlo em Conexão Cósmica, cap. 7, p. 93.
22. Lynn Margulis é citada por Michael Behe, A Caixa Preta de Darwin, Parte I, cap 2, p. 35 e 190.
23. Citado por Igor Bogdanov, Deus e a Ciência, p. 49.
24. Deus e a Ciência, O Mistério do Vivente, p. 49.
25. Deus e a Ciência, cap. O Mistério do Vivente, p. 4.
26. Ver comentário de E. Schrödinger em O Que é Vida, cap. 7, p.

Marlene Rossi Severino Nobre*

* Presidente da Associação Médico-Espírita do Brasil e da Associação Médico-Espírita Internacional.



Ativa participação contra o aborto

Giovana Campos

As Associações Médico-Espíritas de todo o Brasil sempre tiveram participativa ação em suas regiões na cruzada contra a prática abortiva. Através de palestras, seminários, campanhas e entrevistas seus membros sempre estiveram engajados na manutenção da vida. Além de corroborar com as conversas de Allan Kardec com os espíritos e com os ensinamentos de grandes guias espirituais através da mediunidade de Chico Xavier, os médicos sempre apontaram razões científicas, com grande embasamento de estudos acadêmicos para a sustentação de suas afirmações.

Nos arquivos das reuniões, é possível encontrar desde a década de 1960, relatos de palestras que foram realizadas para elucidar tanto de profissionais de saúde como a população em geral, dos malefícios que o aborto pode causar ao ser humano tanto na esfera física quanto na psicológica, e por que não, também na espiritual.

De 2000 aos dias de hoje, é discutida a liberação do aborto inclusive de fetos chamados anencéfalos, e a AME tem se posicionado contrariamente a qualquer aprovação neste sentido.

Em 2008, as doutoras Marlene Rossi Severino Nobre, médica ginecologista e presidente da AME-Brasil e AME-Internacional, e Irvênia Luiza de Santis Prada, médica veterinária com especialização em neuroanatomia, estiveram em Brasília participando de um esclarecimento público relacionado a liberação da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 54, que lutava pela liberação do aborto do anacéfalo. O depoimento perante o ministro Marco Aurélio foi televisionado pelas TVs

senado e Justiça e a súmula do que foi expalando, você acompanha a seguir:

“Por último, na assentada de hoje, temos a presença da Associação Médico-Espírita do Brasil, representada pela Doutora Marlene Rossi Severino Nobre, médica-ginecologista, aposentada, especializada em prevenção do câncer, tendo participado de inúmeros seminários e estágios na área médica, e também pela Dra. Amélia

Thereza de Moura Vasconcellos - não sei se, aqui, seria um trabalho conjunto. Foi Diretora do Posto de Assistência Médica do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social - INAMPS, da Várzea do Carmo, em São Paulo. Chefe do Serviço de Clínicas e Chefe do Serviço de Patologia Clínica do PAM. Preside atualmente a

Associação Médico-Espírita Internacional e a Associação Médico-Espírita do Brasil. Participou também de inúmeros congressos. Aqui há três representantes.

Com a palavra a Doutora Irvênia Luíza de Santis Prada.

A SRA. IRVÊNIA LUÍZA DE SANTIS PRADA – Agradeço a oportunidade, Senhor Ministro. Cumprimento a todos. A minha fala será objetivamente técnica e bastante direta. Pontuarei algumas coisas que entendo importantes, baseando-me no conteúdo da neurociência à qual estou afeta.

Segundo a terminologia anatômica internacional, encefalo é a parte do sistema nervoso, é a massa cerebral contida dentro da cavidade craniana. Ela é composta pelo tronco encefálico, que é sobremontado pelo cerebelo, pelo diencéfalo e pelos dois hemisférios cerebrais.



A própria terminologia considera o conjunto dos dois hemisférios cerebrais com o nome de cérebro. Portanto, já podemos concluir que, muito embora sejam utilizados vulgarmente como sinônimos, esses termos cérebro e encéfalo não são sinônimos. Como as partículas A e E indicam negação, supressão, ausência, então, o anencéfalo, a rigor, seria o indivíduo que tivesse a cavidade craniana completamente oca, sem nenhuma presença de massa encefálica. Entretanto, não é isso o que acontece com o anencéfalo.

O anencéfalo tem preservados pelo menos as partes mais profundas do seu encéfalo. E cada caso é um caso. Agora, quando existe desenvolvimento organizado do corpo físico, com formas humanas, quando existe batimento cardíaco desse feto dentro do colo materno e outras funções viscerais, esse feto tem pelo menos preservadas as porções mais profundas do seu encéfalo. É o chamado “tronco cerebral alto”, por um dos maiores neurocientistas do pós-guerra que é Wilder Penfield. Nós podemos verifi-

car essa afirmativa no seu livro *Mistério da Mente*, publicado pela editora da USP.

O tronco encefálico alto, na sua constituição, nas suas funções, ele é formado pelo tronco encefálico propriamente dito que contempla burro, ponte e mesencéfalo, e tem funções orgânicas básicas pelo tálamo também chamado de “tálamo encéfalo”, que é uma central sensorial. Abaixo do tálamo, temos a região hipotalâmica, designada pelo nº 3, que é o principal centro comandante da atividade visceral. Em 4, indiquei o corpo estriado que é o principal centro comandante da função motora automática. Em 5, está indicado o sistema límbico, conjunto de estruturas encefálicas relacionadas à expressão de comportamentos, acompanhados de emoções primárias.

Em suma, nesse tronco encefálico alto, que todo feto anencefálico tem, nós contemplamos as bases dos mecanismos neurais da respiração, do ritmo circadiano de sono e vigília, de batimentos cardíacos, de peristaltismo gástrico-intestinal, de controle de temperatura, de controle va-



somator, de controle dos motoneurônios, de controle de alguns dos gates, dos portões de controle da dor e de expressão de comportamentos emocionais, acompanhados de emoções. O biólogo inglês Rupert Sheldrake afirma:

“Os genes não dispõem de programas para morfogênese, ou seja, para desenvolvimento das formas ou órgãos que exercem funções biológicas. Em organismos vivos, essa morfogênese é orientada por campos morfogenéticos extrafísicos não-locais”.

Com isso, Excelência, estou querendo dizer que a própria Ciência, nos últimos tempos, vem contando com a participação de cientistas de renome na introdução de uma tese sobre a existência de uma dimensão extrafísica. Essa dimensão extrafísica de atuação no local é chamada por Amit Goswami, físico teórico indiano radicado atualmente nos Estados Unidos e autor de vários livros, de “consciência”.

Goswami, no seu livro “Universo autoconsciente”, falando sobre a interação cérebro/mente - portanto, a sua postura é dualista – e a atuação nesse complexo é de natureza quântica, afirma que essa estrutura não-física de atuação quântica é a consciência. E que a consciência é o

fundamento do ser, que se manifesta como

sujeito que escolhe e que experimenta o que escolhe. Ele diz ser tão importante essa assertiva da consciência humana de decidir e de escolher – é isso que estamos fazendo aqui hoje, aprimorando a nossa capacidade de escolha –, que ele propõe uma alternativa para o enunciado cartesiano “Penso, logo existo”. De acordo com ele, podemos dizer que o pensar é o ato anterior e que o escolher é o ato resultante do pensar. Então, ele propõe que possamos dizer:

“Escolho, portanto existo”.

Então, a nossa capacidade de escolha, que expressa a nossa consciência, remete a algumas coisas levantadas aqui. O tronco encefálico alto é o substrato da consciência, como veremos a seguir. Wilder Penfield, autor já citado, em “O mistério da mente”, diz assim: “O indispensável substrato da consciência localiza-se fora do córtex cerebral, provavelmente no diencefalo” – uma daquelas porções que referi, como integrantes do tronco cerebral alto, que todo anencéfalo tem. “O tronco encefálico alto representa a porta de entrada e de saída da mente”.

E refere, no final do capítulo 12: “Essa região do tronco



encefálico tem uma energia diferente dos potenciais neuronais que percorrem as vias neuronais mais comuns”. Ou seja, Penfield, que estudou muito os soldados traumatizados de encéfalo no pós-guerra, acabou percebendo - e a tomografia computadorizada veio mostrar - que muitos indivíduos sem a atuação de córtex, a partir da década de 70, tinham procedimentos quase normais e, do ponto de vista da consciência, eram absolutamente normais. Isso porque a porta de entrada e de saída da consciência é exatamente o tronco cerebral alto, não o córtex cerebral.

Outro autor que gosto de citar, Paul MacLean, um neurocientista famoso das últimas décadas, autor de “O cérebro trino em evolução”, diz em relação ao tronco: essa região tem uma mente própria.

Quando consideramos a consciência, se é primitiva ou não – eu estudo a evolução do cérebro humano através da filogenia -, posso dizer que a consciência é característica de cada espécie animal. Isso quanto ao nível da consciência, ao conteúdo da consciência. No feto chamado de “anencéfalo”, que não é anencéfalo, a consciência não é primitiva. Não podemos equipará-la à dos mamíferos. A consciência é de um ser humano, que só não se expressa porque não tem o córtex cerebral.

Então, quando perguntamos: por que uma criança anencéfala que sobrevive teria dificuldades para se expressar cognitivamente? O neurocientista Penfield diz: Ligações do tronco cerebral alto, que todo anencéfalo tem, como o córtex pré-frontal e o córtex temporal, que são as duas áreas mais nobres do córtex cerebral, seriam necessárias para a exteriorização comportamental dos conteúdos da mente. Não é porque o feto anencéfalo não tem essas áreas nobres do córtex cerebral - geralmente ele não as tem – que ele não tem consciência. Ele tem a consciência que entra e sai pelo tronco cerebral alto, mas ele não tem como se expressar fenomenicamente porque lhe faltam os instrumentos neurais compatíveis com essa forma de manifestação.

As opiniões equivocadas como, por exemplo, não haver potencialidade de vida no anencéfalo porque não há vida sem cérebro – e considera-se nessas opiniões equivocadas que ele não tenha cérebro, mas tem – não têm,

metodologicamente, dentro do contexto da neurociência, nenhum embasamento técnico. Pelo contrário, a neurociência vem demonstrar, pelo seu conteúdo, que o anencéfalo tem substrato neural para desempenho de funções vitais e delegação com a consciência, o que contraindica o aborto desse feto e a disponibilização do anencéfalo recém-nascido para transplante de órgãos.

Muito obrigada, Sr. Ministro.

O SENHOR MINISTRO MARCO AURÉLIO (PRESIDENTE E RELATOR)– Com a palavra a Doutora Marlene Rossi Severino Nobre.

A SRA. MARLENE ROSSI SEVERINO NOBRE – Muito obrigada, Senhor Ministro, por nos ouvir.

Bom-dia a todos.

Nós estamos falando de vida. Ouço falar de direitos da mulher. Não há direito da mulher quando estamos falando de um direito que sobrepõe que é o direito à vida.

Vamos dizer aqui a respeito do que a vida significa - para nós, pelo menos. O acaso não explica a vida. Nós somos evolucionistas. Nós cremos nos postulados de Darwin, menos em um: aquele que afirma que o acaso explica a vida. O acaso não explica a vida.

Temos, por exemplo, pesquisas recentes, muito bem realizadas por Michael Behe, bioquímico da Universidade da Pensilvânia, que escreveu o livro “A caixa preta de Darwin”, no qual ele nos explica que a célula foi planejada. De todas as maneiras que você investiga a célula, bioquimicamente, você observa claramente que ela foi planejada. Existe em tudo isso uma inteligência superior. Ele pede para explicar não apenas o planejamento da célula, mas também as estruturas complexas, por exemplo, o flagelo; por exemplo, a coagulação sanguínea; por exemplo, o próprio cabelo humano. Ele diz que o acaso não explica a formação dessas estruturas muito complexas.

Igualmente, dois físicos teóricos, Igor e Grichka Bogdanov, franceses, realizaram uma pesquisa muito importante com matemáticos do CERN, Centro Europeu de Pesquisas Nucleares. E o que é que eles pesquisaram? O seguinte: fizeram cálculos matemáticos para ver se era possível entrar em uma célula duas mil enzimas. E



verificaram. Fizeram os cálculos inicialmente para mil enzimas, como é que mil enzimas entrariam ao acaso dentro de uma célula. Eles chegaram à conclusão de que é uma impossibilidade estatística. É dez a mil contra um. Uma impossibilidade estatística por quê? Porque levaria um tempo superior ao tempo conferido à existência do Universo. Então, para eles também, a vida não pode ser explicada por acaso.

A vida assim, como nós estamos falando, é um bem outorgado, é um bem indisponível. E isso não é a religião que está dizendo; é a ciência. De modo que nós dizemos claramente que a vida do anencéfalo sobrepuja todos os outros direitos que é um bem fundamental que lhe pertence.

Então, se vamos falar de motivos pelos quais nós encaxamos na vida outorgada, nós temos as ligações covalentes, as ligações gene/proteína, a estruturação topológica de carga, e assim por diante. São convenções existentes dentro da célula. Quiralidade à esquerda das proteínas, quiralidade à direita dos açúcares. Onde explicar essas convenções? Ao acaso? Isso seria obra do acaso?

Então, mantemos a nossa posição. A vida é um bem indisponível, também do ponto de vista da ciência.

Há, atualmente, grandes revoluções no campo da memória. Temos, por exemplo, os trabalhos da neurocientista Candace Pert. Ela descobriu, na Universidade de Maryland, nos Estados Unidos, a existência de neuropeptídeos, proteínas menores produzidas pelo sistema nervoso que fazem a ligação sistema nervoso, sistema imunológico, sistema endócrino. Tudo ligado através dos neuropeptídeos.

O que a Dra. Candace Pert descobriu? Que, logo nos primeiros dias da embriogênese, são produzidos os neuropeptídeos; logo, o anencéfalo também. Em que pesem todas as suas dificuldades, todas as suas anomalias, ele também produz esses neuropeptídeos, que lhe permitem a intercomunicação entre os vários sistemas, bem como a possibilidade de atuar mesmo precariamente sobre o seu corpo.

Então, eu gostaria, Senhor Ministro, para encerrar e ficar dentro do meu horário - agradecendo-lhe mais uma vez

esta oportunidade e pedindo desculpas por ficar de costas -, de deixar uma parte da carta que o índio Seattle escreveu ao Presidente dos Estados Unidos quando havia um movimento para lhe tirar as terras e a vida.

Ele assim escreveu:

“Isso sabemos. Todas as coisas estão ligadas, como o sangue que une uma família. Tudo o que acontece com a terra acontece com os filhos e filhas da terra. O homem não tece a teia da vida. Ele é apenas um fio. Tudo o que faz à teia, ele faz a si mesmo”.

Com as palavras do Chefe Seattle, encerro, agradecendo ainda uma vez.

O SENHOR MINISTRO MARCO AURÉLIO (PRESIDENTE E RELATOR) –

Com a palavra o Doutor Luís Roberto Barroso.

O SR. LUÍS ROBERTO BARROSO – Eu gostaria de saber das Doutoras Irvênia e Marlene – como elas preferirem – se elas concordam que, em cem por cento dos casos, a anencefalia leva à morte, ou no útero materno ou alguns segundos ou minutos depois da vida, salvo em caso excepcionalíssimo. Elas concordam com essa evidência médica?

A SRA. MARLENE ROSSI – Concordo, sim, mas como coloquei: a vida do anencéfalo sobrepuja qualquer direito do ser já formado - no caso, a mãe. A vida é um bem fundamental. A vida é um bem outorgado. É a ciência que nos diz.

PRESIDENTE CONVOCA À PARTICIPAÇÃO NO ATO PÚBLICO ATRAVÉS DO EDITORIAL

29 de março: todos à Praça da Sé

Sim, esta é uma convocação: participe do Segundo Ato Público contra o Aborto, em 29 de março, a partir das 10 horas, na Praça da Sé, em São Paulo. Não importa a raça ou classe social à qual pertença, religião que professe, ou

partido político de sua eleição, venha dizer não ao aborto! Segundo estatísticas recentes, 87 % do povo brasileiro é contra o aborto. Vamos à praça dizer isso. Afinal, é o sentimento que vibra no coração da maioria.

No livro Lições de Sabedoria, Chico Xavier posiciona-se na defesa da vida: Sabendo que o aborto, mesmo legalizado no mundo, é uma falha nossa na Terra, estamos certos de que ninguém deveria praticá-lo, seja no regime das convenções humanas ou fora delas.

Há quem diga que o aborto é um direito da mulher. Não existe engano maior. Tirar a vida de alguém é crime. A mulher, tanto quanto a equipe médica, o Estado ou o companheiro, não tem esse direito.

O artigo Quinto da Constituição Brasileira garante a inviolabilidade do direito à vida, defendendo-o como bem fundamental do ser humano. É certo que o artigo Quarto afirma que a personalidade civil do homem começa no nascimento com vida, mas a lei põe a salvo que ela deve ser defendida desde a concepção (Código Civil, Lei Federal 3.071). E mais, a Convenção Americana sobre Direitos Humanos, celebrada na Costa Rica, em 22 de novembro de 1969, deixou claro, no chamado Pacto de São José da Costa Rica, assinado por inúmeros países, entre os quais o Brasil, que esse direito deve ser protegido, desde o momento da concepção.

Assim sendo, qualquer projeto de lei em prol da legalização do aborto, que tramite no Parlamento brasileiro, é, antes de tudo, inconstitucional. A Lei Maior de nosso país espelha, portanto, a vocação pacífica do nosso povo. Ao lado dos argumentos jurídicos, existem razões científicas muito fortes contra o aborto, como as expressas nos livros A Vida contra o Aborto e O Clamor da Vida.

Os melhores tratados de Embriologia afirmam que a vida é um continuum que vai do zigoto (célula-ovo) ao velho, sem solução de continuidade. Ainda que existam vozes discordantes, esse é um forte argumento científico em favor do respeito à vida desde a concepção.

E a mulher que recebeu do Ser Supremo a missão transcendente de gerar vidas, comumente, não se deixa aprisionar pela visão hedonista que impera no mundo, sobretudo, quando ela vê as imagens do filho em gesta-

ção (o coraçãozinho começa a bater já nas três primeiras semanas) ela não pensa em aborto.

O que a gestante precisa é de amparo à maternidade, de esclarecimentos quanto ao uso de métodos anticoncepcionais confiáveis e de vias fáceis de acesso a eles, para que possa planejar sua família. Uma sociedade organizada, segundo as leis de Deus, obrigatoriamente deve ter o amor na sua base de sustentação. Entre outras ações, tem o dever de cuidar da educação de crianças e jovens, dar todo o apoio à maternidade e à paternidade responsáveis, além de cuidar dos que trabalharam uma vida toda e têm de ser amparados na velhice. A sociedade que apela para o aborto se declara falida em suas bases educacionais, porque dá guarida à violência no que ela tem de pior, que é a pena de morte para inocentes. Compromete, portanto, o seu projeto mais sagrado que é o da construção da paz.

Fonte: Folha Espírita - Março de 2008 - Edição número 403

Decisão do STF sobre aborto de anencéfalo

O Supremo Tribunal Federal, em sessão concluída no dia 12 de abril, aprovou a liberação do aborto para casos de fetos anencefálicos. Uma comissão integrada por dirigentes da Federação Espírita Brasileira, Associação Médico Espírita do Brasil e Associação dos Juristas Espíritas do Brasil, visitou o gabinete de todos os ministros do STF nos dias 9 e 10 de abril, levando um Memorial contendo argumentações jurídicas, médicas e espíritas em defesa da vida, e acompanhou a citada Sessão Plenária. Independentemente da decisão do STF, informamos que prossegue o trabalho educativo, no sentido de se valorizar a vida em todas suas etapas, e de esclarecimento a respeito das leis que emanam do Criador e regem a nossa vida, procurando contribuir com o aperfeiçoamento moral e espiritual da população.

Brasília, 13 de abril de 2012.

Federação Espírita Brasileira, Associação Médico Espírita do Brasil e Associação Jurídico Espírita do Brasil.”



José Nilson Nunes Freire

José Nilson Freire

Conheça um pouco mais sobre o dr. José Nilson Nunes Freire, médico homeopata, que foi o 1º Tesoureiro na fundação da AME-Brasil e também fundador da AME-Baixada Santista, hoje AME- Santos.

Como você conheceu o movimento médico-espírita?

Através de jornais que falavam sobre as jornadas que a AME-São Paulo fazia sobre parapsicologia. Isto já faz algum tempo, a maioria dos fundadores da AME-São Paulo ainda estavam encarnados.

Você participou da primeira diretoria da AME-Brasil, como 1º tesoureiro. Como foi a experiência?

Eu estava começando. A Marlene foi eleita presidente, naturalmente e na tesouraria deveria ficar alguém mais próximo, até para a viabilização de prestação de conta e assinatura de cheques. Então, seria interessante que o tesoureiro fosse do mesmo estado do presidente. Ela conversou com os membros que compunham a AME-São Paulo e alguns acharam por bem me indicar, para que tivesse representantes de diferentes localidades na Diretoria. Na realidade, o tesoureiro da AME-Brasil na época de fundação não tinha muito que fazer, pois havia acabado de ser fundada e não tínhamos dinheiro. Veja, os primeiros congresso que a AME-Brasil fez tinha que pagar com antecipação a locação dos lugares e esse dinheiro inicial que não tínhamos foi conseguido através de empréstimo da Folha Espírita e também da AME-Espírito Santo que já tinham uma pequena economia. Com o que arrecadamos no congresso saldamos esses empréstimos e as despesas e começamos a juntar fundos para outros eventos. No início, a AME-Brasil deve muito tanto a Folha Espírita como à AME do Estado do Espírito Santo. Também é necessário registrar o esforço do advogado Marcelo Nobre junto a seus amigos a fim de baratear os custos com o espaço do Anhembi para promovermos os congressos. A dificuldade da tesouraria era justamente levantar dinheiro, mas isto é uma constante em todo o movimento espírita. Não existiam muitas AMEs, então o montante de anuidades e colaborações eram baixos. Tínhamos dificuldades até para

achar funcionários que pudessem colaborar com a AME-Brasil.

Então, logo no início, os mais idealistas investiam nos eventos e divulgação do movimento médico-espírita?

Ah, sim! O Homero Vallada foi um dos fundadores e lembro que em um dos congressos iniciais ele deu uma boa quantia para a realização. A Marlene também contribuía sempre... Outros médicos também, claro sempre dentro das possibilidades. Com o início da venda das entradas para os congressos, a venda dos boletins e livros, tudo isso foi melhorando a situação. A tesouraria teve outra vantagem: sempre contamos com a ajuda de um dos trabalhadores do Centro Espírita Cairbar Schutel, o Vallim, que trabalhava em banco e tinha muita facilidade com contabilidade e posso dizer que ele foi um 'tesoureiro da luz' sempre auxiliando as tarefas nesta área. Aliás, muitos trabalhadores do Cairbar sempre estiveram ao lado da AME, sempre 'vestindo a camisa' e se doando intensamente pela causa.

Como surgiu o movimento espírita na sua vida?

Já tinha simpatia, mas abracei a doutrina aproximadamente 40 anos. Não tinha informações sobre o Espiritismo antes.

E como foi aliar o Espiritismo à prática médica?

Foi fácil. Fiz antes cirurgia, fui cirurgião-geral, depois passei para a urologia e finalmente a homeopatia. Então, quando juntei o Espiritismo ficou ainda mais fácil compreender a homeopatia, que é vitalista assim como a Doutrina. Eu considero o Espiritismo como uma das coisas mais importantes da minha vida porque se não fosse o Espiritismo, eu teria errado muito mais do que errei.

A AME-Santos foi fundada em 1993, com o nome de AME-Baixada Santista. Como surgiu a ideia de abrir um núcleo médico-espírita em Santos?

Comecei a frequentar as reuniões na AME-São Paulo e logo na terceira reunião achei que era viável fundar uma AME em Santos. Então, reuni alguns colegas, conversamos e montamos. Na época não havia muitas AMEs. A mais próxima era em São Paulo e as outras somente em outros Estados, como Minas Gerais, Espírito Santo... Foi uma época que começou a surgir AMEs em diferentes localidades do Brasil, uma atrás da outra, parecia até algo combinado. Foi como se a espiritualidade dissesse: Chegou a hora!

Chamar o profissional de saúde para compor a AME é uma tarefa fácil?

Não é difícil. Se o profissional for espírita é fácil. Há médicos e outros profissionais espíritas que frequentam as casas espíritas, mas não se ligam à associação próxima de sua localidade. Há a problemática do tempo, das horas trabalhadas em consultórios, em plantões. As associações são os lugares onde os médicos podem estudar com mais afinco os materiais sobre a ciência espírita, já que no centro espírita não há tanta abertura ou mesmo conhecimento para aprofundar as questões. As associações são o caminho certo para a discussão destes assuntos, de entendimento das diferentes correntes psicológicas, e então reunirmos bagagem para partirmos para as pesquisas.

Você fundou em Santos o Centro Espírita Luiz Monteiro de Barros, que foi o idealizador / fundador da Associação Médico-Espírita de São Paulo, a primeira do Brasil. Foi uma forma de homenageá-lo?

O Luiz Monteiro de Barros teve a ideia de organizar o movimento médico-espírita em São Paulo. Ele não foi o presidente na época, pois já era presidente da USE e também da FEESP. Quem assumiu a primeira presidência foi o dr. Ferreira. É importante salientar que a Associação Médico-Espírita de São Paulo foi fundada através de uma orientação de Bezerra de Menezes, através do médium Spartaco Ghilard que recebeu a comunicação. E em conversa com este médium, ele me disse que já estava na hora de homenagear o Monteiro de Barros. E assim surgiu o Centro Espírita. Ele foi um grande trabalhador na seara espírita e para a maior afinidade ele também foi médico homeopata. Já sabemos através de comunicações que é um espírito com grande bagagem

espiritual e sempre nos auxilia. Eu não conheci pessoalmente, somente conheci sua esposa. Mas li muitos artigos e livros de autoria dele, bem como a história de sua vida. Esse centro saiu da Associação Médico-Espírita da Baixada Santista. Muitos trabalhadores da AME-Baixada Santista foram trabalhar lá como o Ricardo Sallum, o Décio Iandoli, o Fernando Guimarães, Angélica Ribeiro, o Caetano de Santis, o Vergara, por isso ficou como um adendo da AME.

Como você vê a ligação de ciência e espiritualidade para o futuro?

Kardec já dizia que a ciência não poderia ficar desligada da espiritualidade. A ciência não pode compreender só a matéria, pois fica incompleta. Ao mesmo tempo, a espiritualidade vai precisar da ciência para se explicar de uma forma metodológica e de uma forma que possa ser aceita pela espiritualidade. Os homens é quem fizeram esta separação, só estamos unindo o que nunca foi de fato separado.

Qual a sua mensagem para os companheiros que integram as AMES?

Os companheiros deveriam se interessar mais pelo destino da AME-Brasil. Ela é uma associação que nasceu do espiritual para a Terra e não o contrário. Então, é uma associação que veio para ficar e será muito vitoriosa. Quem unir e se ligar nos postulados da AME Brasil e trabalhar neste caminho, terá tudo para dar certo. A AME Brasil está centrada no coração de Jesus, sob a supervisão de Bezerra de Menezes. A AME está para ajudar, para contribuir, mas o livre arbítrio do profissional será sempre respeitado. Os companheiros da AME devem ficar atentos aos conhecimentos da Marlene Nobre. Ela trabalha pela AME por um ideal e deveríamos aproveitar o momento de ouvir, de compartilhar seus conhecimentos e fortalecer a figura que ela representa, não é uma coisa de 'endeusar', mas sim de fortalecer o movimento médico-espírita. Essa Associação vai perdurar e este momento é o momento difícil, pois está se firmando. Estamos formando as colunas e é importante que a base fique sempre forte. É importante que haja sempre união, sempre na direção do Espiritismo, do Evangelho de Jesus, na direção de Deus, e usar este conhecimento na área a saúde.



Organizadores têm boas expectativas para os eventos

Giovana Campos

Se a temática espírita leva muitas pessoas a congressos e seminários aqui no Brasil, o mesmo é esperado no exterior, onde o novo paradigma para a saúde está se solidificando cada vez mais. Pela segunda vez a AME-Colômbia organiza um seminário em que a espiritualidade é inserida nos cuidados com a saúde. Para o médico Fábio Villarraga, presidente da AME-Colômbia, esta é uma oportunidade onde as palestras estarão dirigidas a todos os profissionais de saúde sejam eles espíritas ou não, e ao movimento espírita em geral, para trazer conhecimentos que estabeleçam pontes entre as ciências da saúde e a espiritualidade. Dr. Fábio explica que “Isto levará a uma maior transcendência e humanização do exercício profissional, com base na visão espírita da saúde e da doença”. E ainda complementa: “esperamos a assistência de diversos colegas médicos e diferentes profissionais da saúde que já confirmaram sua presença no evento, interessados nos temas tratados pela Dra Marlene Nobre, presidente da AME Internacional, e do Dr. Andrei Moreira, presidente da AME Minas Gerais, e demais irmãos da AME-Colômbia”.

O mesmo pensamento é compartilhado pelos

organizadores dos congressos que acontecem em alguns países europeus. O primeiro país a receber os membros médicos-espíritas será Portugal. De acordo com Rosário Abranches Jordão, da comissão organizadora da VII Jornadas Portuguesas, que é parceria da Associação Médico-Espírita Internacional (AME-Int) e pela Verdade e Luz - Editora e Distribuidora Espírita - uma instituição pertencente ao Grupo Espírita Batuira (GEB), de Algés, o objetivo é “tornar conhecida a interligação existente entre Medicina e Espiritualidade. Desde o seu início, em 2006, tem-se querido dar a conhecer ao público em geral, e à classe médica e profissões afins em particular, o paradigma médico-espírita e a sua visão holística da saúde, o qual considera que todos os processos mórbidos são essencialmente mentais e comandados pelo espírito. A compreensão e aceitação de que o espírito é o fulcro de comando do corpo físico, fará com que comece uma nova era na medicina terrestre - sendo este o objetivo que norteia a realização das Jornadas ano após ano. Como sempre, esperamos que este ano as Jornadas continuem a ser aquilo que têm sido ao longo das seis edições anteriores: que o público esgote a capacidade do

amplo e moderno espaço onde elas se realizam (com capacidade para mais de 750 pessoas), demonstrando que as pessoas têm sede dos conhecimentos que só a medicina espiritual lhes oferece. Deste modo, teremos cumprido o nosso objetivo”.

Na Alemanha, os eventos da AME-Internacional são realizados desde 2008, com muita ressonância entre os alemães, que são, em média, 80 % do público participante. Uma das organizadoras, Fernanda Marinho-Göebel, relata que “desde o 1º congresso tem surgido muito interesse por parte de médicos e terapeutas alemães pelos temas abordados pelos médicos da AME, que devido à sua abordagem científica do Kardecismo. Pela grande base científica apresentada pelos profissionais brasileiros, os estudos que envolvem a espiritualidade são aceitos sem problemas pela mente lógica do alemão. E os palestrantes alemães, por sua vez, enquadram-se cada vez mais na filosofia kardecista, mostrando grande aceitação e compreensão do Paradigma da AME em relação à medicina da alma”.

E na Holanda, onde alguns postulados éticos parecem andar em retrocesso com a realidade evolutiva espiritual, a palavra do novo paradigma se faz presente. Em um país onde a eutanásia é praticada, por muitos que acreditam que esta é a solução para alguns problemas de saúde, é importante mostrar à sociedade como o espírito reage perante esta triste forma de terminalidade. Para Maria Moraes, não se pode ficar de braços cruzados para a afirmação dos defensores da eutanásia que pregam “Por que sofrer se você pode “sair” da vida optando por uma morte digna?”. Ela complementa que, “sabemos que a Doutrina Espírita oferece uma visão cristalina da imortalidade da alma e que se enganam aqueles que optam pela porta falsa do suicídio, assistido ou não. Tem sido gratificante constatar que há muitas pessoas, inclusive profissionais da saúde, que acreditam na continuidade da vida após a morte. Acreditam que viver é uma experiência com várias facetas e que o sofrimento é uma delas, mas, muitos ainda não

entendem os mecanismos da dor provocada por enfermidades incuráveis. Os congressos de medicina e espiritualidade vêm oferecendo a oportunidade de reflexão sobre a valorização da vida, onde os médicos espíritas apresentam a medicina da alma trazendo o resultado de pesquisas internacionais que mostram evidências científicas da interação entre corpo e mente. O público tem valorizado esse trabalho pioneiro realizado pelos médicos da AME-Internacional em parceria com o Conselho Espírita Holandês. A cada congresso nosso público cresce, portanto, esperamos ter uma participação maior dos nativos e da comunidade espírita no congresso deste ano que será realizado em novembro”.

Já na Suíça, a médica Nelly Berchtold diz que “ainda não podemos afirmar que o espiritismo tenha penetrado na sociedade daqui. No entanto, nos eventos médico-espíritas, observamos uma grande proporção de suíços e europeus. Sobretudo quando asseguramos uma boa tradução das conferências. No que tange aos profissionais da saúde, em particular o olhar dos médicos sobre a Associação Médico-Espírita, passamos por diferentes fases: a curiosidade, o desprezo, a hostilidade, notadamente em 2011. Alguns médicos que divulgaram com entusiasmo os panfletos em seu ambiente de trabalho sofreram sanções”.

Mas, este quadro já está se revertendo e o paradigma médico-espírita começa a ganhar credibilidade e legitimidade. E como isto ocorreu? Nelly aponta que “primeiro pela excelência das conferências oferecidas, e também porque o colóquio se deu numa universidade. As dependências da Universidade de Genebra não ofereciam nenhum conforto, mas o espaço neutro e nobre facilitou a vinda dos médicos além dos psicólogos, terapeutas, enfermeiros e pesquisadores. Este ano o colóquio se dará numa organização internacional, o Conselho Ecumênico das Igrejas. Suponho que alcançaremos outro público e manteremos aquele que já se afeiçoou. As inscrições apenas começaram e estamos otimistas”.



Palestram começaram em setembro

Em setembro, médicos e profissionais de saúde do Brasil e do exterior estiveram compartilhando seus conhecimentos e estudos sobre a realidade espiritual nos cuidados integral do homem moderno. Nos dias 8 e 9 de setembro, aconteceu na cidade de Washington, nos Estados Unidos, o 4º Congresso Médico Espírita dos Unidos, que enfoca a integração das práticas de recursos espirituais no tratamento e cura dentro da medicina tradicional. A presidente da AME-Brasil e AME-Internacional, Dra. Marlene Nobre, também esteve nos dias 22 e 23 de setembro em Bogotá, capital colombiana, para a realização do II Seminário de Saúde e Espiritualidade, proferindo palestras sobre a integração clínica e acadêmica dos hospitais espíritas e das associações médico-espíritas e também discorrerá sobre a medicina no novo milênio.

Nos dias 20 e 21 de outubro, começa a jornada em continente europeu, sendo Portugal o primeiro país a receber os profissionais que abordarão a ação dos sentimentos sobre a saúde, em 20 palestras ministradas por brasileiros e portugueses.

Em 27 e 28 de outubro, Paris sedia o 5º Congresso Francofônico de Medicina e Espiritualidade, com o tema Interconexão Medicina-Espiritualidade: Um novo paradigma para a saúde. Nos dois dias, pesquisadores renomados como dr. Pim Van Lommel e dr. Jeff Levin entre outros estarão compartilhando seus estudos acerca da realidade espiritual e sua relação com a saúde.

Luxemburgo recebe os membros da AME-Internacional entre os dias 31 de outubro e 01 de novembro para palestras do 3ème Symposium de Médecine et Spiritualité au Luxembourg, com três médicos brasileiros.

No dia 3 de novembro, Holanda abriga quatro palestras também abordam assuntos atuais como a

eutanásia, a importância da espiritualidade na prática clínica, nos cuidados paliativos e na dependência química, além de enfatizar a importância dos pensamentos para a saúde integral.

Já nos dias 3 e 4 de novembro, é a vez do 5º Congresso Médico-Espírita da Alemanha, a ser realizado na cidade de Bonn. Seis palestrantes brasileiros e quatro alemães discorrerão sobre a mediunidade, passes e a necessidade de tratamentos complementares para os transtornos psíquicos, entre temas importantes para a união entre ciência e fé. Haverá outras palestras dos membros da AME-Internacional em outras cidades alemãs como Berlim, que recebe o dr. Roberto Lucio Vieira de Souza, no dia 27 de outubro para palestrar sobre a sua experiência no Hospital Espírita André Luiz, às 18h30 na Haus der Wirtschaft, Am Schillertheater 2. Também a Dra. Márcia Colasante estará na cidade de Aachen, para falar sobre Cuidados Paliativos e Espiritualidade, no dia 7 de novembro, a partir das 19h, no Centro Cultural Sardo.

Em 10 e 11 de novembro, é a vez de Genebra, na Suíça abrigar as palestras com o seminário Integração de Medicina e Espiritualidade: A Medicina do Século XXI, contando com seis palestrantes estrangeiros e cinco brasileiros.

DECÊNIO - Este é o décimo ano consecutivo em que representantes da AME-Brasil e Internacional participam de seminários no Exterior. Eles tiveram início em 2002, com a viagem da Dra. Marlene Nobre por vários países, durante 30 dias. Com a realização do 1º Encontro Médico-Espírita Europeu, em Barcelona, em 2003, os representantes das entidades passaram a ser convidados a proferir palestras em vários países.

Portugal – <http://www.verdadeeluz.com/>

França – <http://congres.lmsf.org/>

Holanda - www.psych-geneeskunde.org

Alemanha - www.kongress-psychomedizin.com

Luxemburgo - www.groupeespirituelleallankardeclux.com



Seja um sócio correspondente

Com o objetivo de ampliar cada vez mais o Movimento Médico-Espírita no mundo, a AME-Internacional está abrindo espaço para a participação de sócios correspondentes. É uma forma de todos colaborarem enviando-nos notícias, textos e pesquisas, e estreitar o relacionamento entre nós.

Contamos com a sua participação ativa na ampliação do Movimento Médico-Espírita e na implantação de novos paradigmas para a ciência. Participe!

Cadastre-se já, acessando o site: www.amebrasil.org.br/sociocorrespondente.html
Outras informações na Associação Médico-Espírita do Brasil - Telefax: 55 11 5585-1703

LINKS PELO MUNDO

Confederação Espírita Colombiana
www.confecol.org

British Union of Spiritist Societies
www.buss.org.uk

Allan Kardec Studien - und Arbeitsgruppe
ALKASTAR e.V. - Rutenweg 3
37154 - Northeim - Alemanha
Tel.: 00 49 5111 914 95 02
www.alkastar.de
www.kongress-psychomedizin.com
www.psychomedizin.com

Grupo Espírita Bатуíra
Editora Verdade e Luz
Email: vendas@verdadeluz.com
URL: <http://www.verdadeluz.com>
Telefone (351) 21 412 1062
Telemóvel (351) 21 412 3337
Fax: (351) 412 3338
Morada: Rua Marcos Portugal 12A
1495-091 - Algés - Portugal

Movimento Espírita Francofônico
www.lmsf.org

ONDE ENCONTRAR LIVROS

ALEMANHA
Editora Lichttropfen
Lichttropfen Verlag
Rutenweg 3
37154 - Northeim - Alemanha
Telefone: 00 49 5551 914 95 02
www.lichttropfen-verlag.de

REINO UNIDO - LONDRES
www.roundtablepublishing-uk.com
www.buss.org.uk

ITÁLIA
e-mail: tinapt@tiscalinet.it

LUXEMBURGO
allankardeclux@yahoo.fr

POLÔNIA
E-mail: przemekgrzybowski@poczta.onet.pl
(contato em inglês, esperanto e polaco)

Editora Rivail
www.rivail.pl - konrad.jerzak@rivail.pl
(contato em polonês, esperanto, inglês, francês, português, espanhol)

ESTÔNIA
e-mail: august.kilk@mail.ee

FRANÇA
Conseil Spirite Français
www.spiritisme.org
e-mail: ca@conseil-spirite.fr

SUÉCIA
e-mail: 4bergman@telia.com
Cidinha Bergman

NORUEGA
e-mail: geeak@chello.no
www.geocities.com/athens/oracle/8299

LIVROS DO CEI NA EUROPA
Edicei-Suisse - www.edicei.ch
Edicei-Europa - www.edicei.eu

E.U.A.
www.ediceiofamerica.com
e-mail: andrea.marshall@edicei.com



“Quando compreendemos como um encontro entre almas, percebemos que a conexão vai muito além do corpo físico”

Eleni Gritzapis

A Ginecologista e especialista em Medicina Fetal, Cristiane Ribeiro Assis, é há mais de dois anos colunista da Folha Espírita. O sucesso de sua coluna no jornal e a grande repercussão entre os leitores a inspirou a escrever seu primeiro livro ***Gestação: Encontro entre Almas (mais informações no box abaixo)***. Nesta entrevista, Cristiane nos fala sobre os benefícios da união gestação e espiritualidade.

Como surgiu a ideia do livro?

A ideia de publicar um livro que abordasse Gestação e Espiritualidade surgiu em uma reunião do jornal Folha Espírita, onde falávamos sobre a aceitação dos leitores à coluna sobre Família que eu escrevia há dois anos. Percebemos que as pessoas estavam interessadas em mais informações sobre um momento tão importante para toda família: a chegada de um bebê.

Além disso, na minha prática médica, pude perceber que muitas vezes as principais preocupações das gestantes estavam relacionadas à falta de informações. Escrever um livro foi a forma que encontrei para oferecer a elas empoderamento em suas próprias gestações, per-

mitindo assim que pudessem curtir cada instante desse processo tão especial.

Como a gestação é um encontro entre almas?

Quando compreendemos a gestação como um encontro entre almas, somos capazes de perceber que ela é algo muito maior que o processo de gerar o corpo de um ser humano. Ela é o início da conexão de um espírito reencarnante, não apenas com seus pais, mas também com seus familiares e amigos. Algo muito maior do que nós médicos abrangemos no atendimento em obstetrícia e Medicina Fetal tradicionais.

Quais as repercussões da emoção materna sobre o feto?

Bem, podem ser inúmeras. No livro tem um capítulo específico para o assunto. Mas, para simplificar, basta entender que, no útero, o feto já é um ser capaz de vivenciar aprendizados e emoções e guardá-los no seu subconsciente. Tais experiências o acompanharão para o resto da vida, de forma inconsciente, podendo ser a causa de processos patológicos físicos e mentais muito significativos.

s a gestação almas, o físico”



286 páginas
Preço R\$ 52,00

Outras informações sobre esta e demais obras da Editora FE pelo telefone (11) 5585-1977 ou site folhaespirita.com.br

Na sua vivência clínica, quais as principais dúvidas e angústias das gestantes?

Mais do que minha experiência clínica particular, esse assunto já foi estudo de trabalhos científicos que dividiram as preocupações das gestantes em três tópicos: parto, malformação do feto e capacidade de cuidar do bebê após seu nascimento.

Quais os principais aspectos da vida do feto no útero?

Os mesmos de qualquer um de nós, uma vez que ele já é um indivíduo e carrega consigo todas as suas potencialidades (bio, psico, sócio espirituais). Muita coisa ainda precisa ser desenvolvida e aperfeiçoada, mas sendo a vida um aprendizado contínuo, quem de nós também não se encontra na mesma situação?

Qual a influência da espiritualidade na gestação?

Estudos demonstram que a espiritualidade fornece ao indivíduo inúmeros benefícios, principalmente com relação ao estresse e suas repercussões. Apenas isso

já bastaria para “prescrevê-la” a todas as gestantes. Mas os principais benefícios de estimular a espiritualidade nelas é por auxiliá-las a entrar em sintonia com as equipes espirituais que se encontram a postos para ampará-las em um momento tão especial quanto é o processo de reencarnação de um espírito.

Como a gestante pode estabelecer laços cada vez mais fortes com o bebê, ainda no útero?

Usando o amor e a espiritualidade como matérias primas desses laços.

Muito se fala do papel da mãe na gestação. Mas qual o papel do pai, como ele pode criar laços com o filho, sem a conexão física?

Quando compreendemos a gestação como um encontro entre almas, percebemos que a conexão entre todos os envolvidos vai muito além do corpo físico. Desta forma, com muito amor e carinho, todo pai será capaz de criar laços tão fortes com o seu filho quanto sua parceira.



Livro de pesquisador islândês traz visões sobre o além

Giovana Campos

Desde as épocas mais remotas, as pessoas especulam sobre o que acontece quando elas ou seus entes queridos morrem. As respostas variam desde a certeza na vida após a morte até mesmo a total descrença. Hoje, muitos continuam a acreditar na sobrevivência da consciência após a morte física, e muitos relatam experiências com os falecidos e algum tipo de contato com eles. Em uma época em que consideramos iluminada pelos avanços da ciência e educação, muitos relatam contatos com desencarnados. Então, seria possível estudar este fenômeno cientificamente?

Em uma pesquisa no final do século 20, 31 % das 1479 pessoas nos Estados Unidos, relataram ter sentido que estiveram em contato com alguém já falecido, e na Europa o número chegava a 25 %. Com base nesses dados, o psicólogo e cientista islandês Erlendur Haraldsson, buscou a resposta da questão “Você já sentiu a presença de alguma pessoa já falecida?” na sociedade islandesa. Durante alguns anos, ele conduziu uma detalhada pesquisa, na qual as pessoas deveriam por menorizar as suas experiências positivas para contatos com amigos ou parentes que já se encontram do outro lado da vida. Estes relatos são a base do livro *The departed among the living – An investigative study of afterlife encounters* (ainda sem tradução para o português) e os resultados são fascinantes compelindo o

leitor a mergulhar nesta relevante obra.

No livro, ainda há depoimentos de pesquisadores internacionais sobre os achados do professor e psicólogo Erlendur Haraldsson. O médico cardiologista Pin Vam Lommel expõe que o autor por anos estudou as visões no leito de morte e lembranças espontâneas de vidas passadas, agora publica um bem documentado e convincente livro sobre encontros com parentes falecidos, referindo a probabilidade da continuidade da consciência sobre a morte física. Já Michael Tymm, vice-presidente da Academia de Estudos de Espiritualidade e Paranormalidade, aponta que os céticos irão se referir às histórias coletadas por Haraldsson como anedotas ou produtos de alucinações, ilusões ou imaginações, mas aquele com a mente mais aberta verá a obra como evidência cumulativa dos encontros além da vida.

Folha Espírita – Esta pesquisa foi conduzida apenas na Islândia?

Erlendur Haraldsson – Sim, somente na Islândia, mas comparei com resultados muito semelhantes coletados no Reino Unido, em relatos que remontam a época de 1880. Esta primeira pesquisa foi realizada pelos fundadores da Society for Psychical

Research (SPR) que decidiram na época investigar

landês n da vida

as aparições reportadas por muitas pessoas que eram consideradas normais e sãs mentalmente. As ditas alucinações tinham conteúdos verídicos e eram claramente diferentes de algum tipo de distúrbio ou transtorno psicológico. Pesquisas sobre este assunto também foram realizadas na década de 70, nos Estados e em alguns países europeus.

FE – De que modo os números na Islândia diferem dos coletados em outros países da Europa e mesmo dos Estados Unidos?

Haraldsson - Os valores apresentados pelos europeus mostram que 25 % já sentiram que contataram algum parente falecido. Na Islândia, isto aparece em 41 % dos entrevistados, número maior ao encontrado nos Estados Unidos, que foi de 30 %. Vale ressaltar que as pesquisas realizadas anteriormente, não mostravam o conteúdo das experiências.

FE – Nesta pesquisa, quando a pessoa afirma ter um encontro com alguém que já faleceu, em que estado esta pessoa se encontra?

Haraldsson – Todos os casos que estudamos, as pessoas estavam acordadas, sempre conscientes, então foram relatadas experiências visuais, auditivas, sensoriais... Levei em conta a natureza destes encontros,

como os entes queridos eram percebidos, quais as modalidades perceptivas estavam envolvidas, se apareciam apenas no escuro ou ambientes sombrios, enfim, procurei detalhar mais estes relatos de encontros.

FE – Há predominância de algumas destas experiências?

Haraldsson – Basicamente podemos apontar 67 % visual, 28 % auditiva, 13 % sensorial, 5 % olfativa, 11 % intuitiva. Em alguns casos pode-se observar que houve uma mescla de experiências.

FE – Houve algum tipo de preparação para que as pessoas tivessem contato com seus parentes ou amigos já desencarnados?

Haraldsson – Não, todos os casos se deram de forma espontânea.

FE- No que tange a forma com que a pessoa faleceu, altera o tipo de contato? É possível apontar alguma diferença?

Haraldsson – Nos casos estudados, houve uma prevalência entre os que tiveram decorrente de variadas doenças, mas também tivemos encontros com aqueles que sofreram morte violenta, ou seja, acidentes, assassinatos ou mesmo suicídio.



Giancarlo Luchetti

Pesquisa em Saúde e Espiritualidade

Caros amigos,

Na seção de pesquisas deste número, iremos falar sobre as pesquisas em espiritualidade e enfermagem.

Sem dúvida, a equipe de enfermagem possui um papel ímpar nos cuidados em saúde. Atualmente são os profissionais que passam maior tempo com o paciente e aqueles que dedicam mais atenção ao cuidar.

Nesse contexto, o atendimento humanizado e o respeito pelas crenças alheias torna-se fundamental para a relação enfermeiro-paciente.

Para essa edição, convido a Enfermeira Daniele Corcio-
li Mendes Espinha que é enfermeira e membro da Sociedade Científica de Saúde e Espiritualidade da Faculdade de Medicina de Marília, Brasil e possui vasta experiência nessa área.

Espero que gostem dessa edição.

Abraços fraternos,
Giancarlo Lucchetti

Pesquisas em espiritualidade e enfermagem

A Enfermagem é definida por várias pessoas, de diversas maneiras. No entanto, de acordo com a *American Nurse Association*, refere-se à proteção, promoção e otimização de habilidades e de saúde, prevenção de doenças e lesões, alívio do sofrimento por meio do diagnóstico e da resposta dos seres humanos e da defesa no cuidado de pessoas, famílias, comunidades e

populações¹. Para que o enfermeiro seja um profissional competente para cuidar dos pacientes, junto com a excelência técnica, é imprescindível que haja a sensibilidade necessária à promoção do cuidado humanizado, o qual é constituído pelas dimensões físicas, psicológicas, sociais, culturais e espirituais.

Ao longo dos séculos, a história tem inserido a Enfermagem na assistência espiritual ao paciente. Nos dias de hoje, independente da instituição de saúde apresentar ou não alguma filiação religiosa, a assistência espiritual tem sido uma ação do cuidado exercida pelos enfermeiros². Considerando o contexto histórico-cultural que envolve a profissão e a necessidade de se alcançar o progresso nas atividades assistenciais, a comunidade científica têm lançado esforços para compreender o melhor modo do profissional de enfermagem oferecer o cuidado à dimensão espiritual.

A fim de maximizar a compreensão do universo daquele a quem cuidamos, uma pesquisa foi realizada objetivando identificar as representações sociais de pacientes sobre os conceitos de cuidado e de tratamento. Os resultados apontam que o amor está no núcleo central dos entrevistados sobre o conceito de cuidar, enquanto a doença ocupa o núcleo sobre o conceito de tratar. Ao refletir sobre estas representações, podemos reafirmar que o cuidado em saúde deve transcender o foco em saberes e fazeres de forma isolada³.

Ao valorizar a importância de olhar o paciente com amorosidade, considerando a atenção às suas dimensões, algumas dúvidas podem surgir quando pensamos em realizar o cuidado espiritual, que vão desde o conceito do que seria este cuidado até a forma como pode ser realizado.

Dentre diversas definições, o cuidado espiritual foi apresentado, em 1995, por uma enfermeira pesquisadora, como o cuidado ofertado e recebido em um contexto em que o receptor está fisicamente e/ou emocionalmente vulnerável, receptivo ao cuidado espiritual. É oferecido por pessoas que estabelecem conexão com o receptor, seja por meio das manifestações de preocupações, do compartilhamento das experiências em comum e/ou da similaridade das crenças espirituais. O cuidado espiritual inclui a transcendência, permitindo a busca de significado e propósito das situações vivenciadas, estimulando sentimentos de esperança e estabelecendo conexões favoráveis a resolução dos problemas⁴.

O Processo de Enfermagem incorpora ações sistematizadas para realização do cuidado profissional. Mesmo que o cuidado espiritual seja percebido como parte integrante do papel do enfermeiro, em articulação com a equipe interdisciplinar⁵, a atenção aos aspectos espirituais no Processo de Enfermagem não é clara. Os diferentes fatores (pessoais, culturais e educacionais) desempenham um papel no fato de que o cuidado espiritual não é estruturalmente incorporado na prática da Enfermagem, parecendo ser este cuidado altamente dependente da expressão e compromisso pessoal dos profissionais⁶.

Fica evidente que para realizar o cuidado espiritual adequado, é imprescindível a identificação das necessidades espirituais dos pacientes, até mesmo porque os pacientes podem não perceber este cuidado dentro das atividades assistenciais, o que não os estimula a partilharem suas preocupações espirituais⁷.

Um estudo desenvolvido por uma enfermeira norte-americana identificou vinte e nove necessidades espirituais diferentes em pacientes que estavam em sua caminhada para a terminalidade e as agrupou em seis temas: necessidade de religião, necessidade de companheirismo, necessidade de envolvimento e participação, necessidade de finalizar tarefas, necessidade de integração com a natureza e necessidade de perspectivas⁸. Embora as necessidades aqui descritas estejam vinculadas aos sentimentos dos pacientes

que não possuem esperanças de cura das doenças físicas, o impulso em alcançar a melhor qualidade de vida e os sentimentos expressos na busca pelo equilíbrio espiritual são inerentes a todo ser humano, uma vez que a espiritualidade também foi introduzida no cenário da Enfermagem como uma Necessidade Humana Básica⁹.

A *North American Nursing Diagnosis Association* (NANDA) é uma organização de Enfermagem que desde 1982 tem buscado identificar, validar e classificar as entidades clínicas nas quais o enfermeiro intervém. Os diagnósticos de Enfermagem trazidos pelo NANDA, incorporados no Processo de Enfermagem, também se atentam para a espiritualidade do paciente ao compreender que para obter uma visão integral do ser humano, é preciso admitir a existência da alma e sua ligação com o corpo físico, indicando a necessidade de treinamento desses profissionais para obterem maior segurança na atribuição dos diagnósticos¹⁰.

Muitos estudos têm sido conduzidos a fim de identificar e validar o conteúdo dos diagnósticos de Enfermagem que estejam relacionados ao tema, como os diagnósticos *Angústia espiritual/Espiritualidade prejudicada*¹¹⁻¹² e *Sofrimento espiritual*¹³. Embora o cuidado espiritual seja reconhecido por NANDA como um cuidado de Enfermagem, quando realizado é raramente registrado pelos enfermeiros, assim como não costuma ser prescrito¹⁰.

Durante o processo de cuidado, algumas ações são necessárias para ofertar uma assistência holística. Entre as intervenções de Enfermagem que compreendem o cuidado espiritual, do ponto de vista do profissional, encontram-se as terapias alternativas e/ou complementares, o uso da música, a formação de grupos que estimulem a arte e a escrita criativa, as conversas sobre os aspectos espirituais e religiosos, as orações – sejam estas estimuladas no paciente ou feitas em sua companhia, a oferta de ambientes privados e seguros onde o paciente possa expressar sua crença, a escuta ativa, o bom humor e a presença¹⁴⁻¹⁷.

Embora os enfermeiros possam identificar um vasto leque de intervenções aplicadas durante o cuidado



espiritual, é necessário que tenham a sensibilidade de perceber se o que pensam ser positivo para o próximo, realmente é esperado por eles². Na perspectiva do paciente, apesar das intervenções de Enfermagem inseridas no cuidado espiritual incluírem muitas ações semelhantes aquelas que o profissional acredita serem importantes, a prevalência dos estudos indicam que os pacientes apenas querem enfermeiros que dediquem seu tempo a ouvi-los, mostrando-se presentes e demonstrando respeito pelas suas necessidades^{2,18}.

Muitos estudos têm sido conduzidos para identificar as principais barreiras que impossibilitam os profissionais de Enfermagem na realização do cuidado espiritual. O tempo é descrito como essencial para a prestação do apoio espiritual, um desafio significativo para a assistência¹⁹⁻²¹. A identificação das necessidades espirituais e a avaliação dos resultados dos cuidados também são aspectos dificultadores relatados nos estudos¹⁹, além da falta de educação oferecida para a prestação destes cuidados, o desejo de respeito à privacidade do paciente, a falta de confiança, a preocupação proselitista e acreditar que a assistência espiritual é uma prática inadequada à profissão²⁰⁻²¹.

Muitos estudos têm sido conduzidos a fim de discutir a temática da espiritualidade durante o processo de formação dos enfermeiros. No Brasil, as discussões que envolvem estes estudos são voltadas principalmente ao entendimento do estudante de Enfermagem sobre o cuidado espiritual, a importância atribuída ao cuidado na prática clínica e o preparo fornecido durante a graduação para a abordagem dos aspectos religiosos e espirituais dos pacientes²¹⁻²². Apesar dos inúmeros esforços da ciência em tornar clara a compreensão da importância do cuidado da dimensão espiritual, além do fato de haver fortes evidências que o ensino da temática saúde e espiritualidade durante a graduação interfere positivamente no cuidado integral²³⁻²⁴, muitas instituições, localizadas ao redor de vários países, não possuem a inclusão adequada da temática no processo de formação dos profissionais de Enfermagem, seja no período acadêmico ou durante o aperfeiçoamento profissional²⁵⁻²⁶.

O ser humano precisa se preparar para cuidar de outro ser humano. Profissionais conscientes de sua espiritualidade promovem melhor cuidado e se tornam mais sensíveis e capazes de entrar em um diálogo mais profundo com o paciente. Para este alcance, é necessário que cuidem deles mesmos através da contínua busca por harmonia e integridade²⁷. Não há como cuidar da espiritualidade do outro se a do próprio profissional não estiver desenvolvida⁹.

Quando nos conscientizamos que somos um ser humano cuidando de outro ser humano, é essencial que sejamos nós mesmos, transcendendo as 'máscaras' que nos são impostas pela sociedade⁹. É crucial que cada profissional conheça a sua própria linguagem espiritual, pressupostos e experiências, uma vez que o autoconhecimento, prática essencial do cuidado de si, promove a transformação das pessoas ao ampliar sua consciência²⁸.

REFERÊNCIAS

- American Nursing Association (ANA). Definition of nursing. Disponível em: <http://www.nursingworld.org/FunctionalMenuCategories/FAQs#def>
- Taylor EJ. **What have we learned from spiritual care research?** J Christ Nurs. 2005;22(1):22-9.
- Borges MS, Queiroz LS, Ribeiro AS. **A gente não quer só remédio: representações de pacientes sobre o cuidado de enfermagem.** Rev Min Enferm. 2010;14(2):219-25.
- Conco D. **Christian patients' views of spiritual care.** West J Nurs Res. 1995;17(3):226-76.
- Baldacchino DR. **Spiritual care: is it the nurse's role?** Spirituality Health. 2008;9(4):270-84. doi: 10.1002/shi.363
- Leeuwen RV, Tiesinga LJ, Post D, Jochemsen H. **Spiritual care: implications for nurses' professional responsibility.** J Clin Nurs. 2006;15(7):875-84.
- Cavendish R, Konency L, Naradovy L, Luise BK, Como J, Okumakpeyi P, et al. **Patients' perceptions of spirituality and the nurse as a spiritual care provider.** Holist Nurs Pract. 2006;20(1):41-7.
- Hermann CP. **Spiritual needs of dying patients: a qualitative study.** Oncol Nurs Forum. 2001;28(1):67-72.

Sá AC. **Reflexão sobre o cuidar em enfermagem: uma visão do ponto de vista da espiritualidade humana e da atitude crística.** Mundo Saúde. 2009;33(2):205-17.

Salgado APA, Rocha RM, Conti CC. **O enfermeiro e a abordagem das questões religiosas.** Rev Enferm UERJ. 2007;15(2): 223-8.

Chaves ECL, Carvalho EC, Hass VJ. **Validação do diagnóstico de enfermagem angústia espiritual: análise por especialistas.** Acta Paul Enferm. 2010;23(2):264-70.

Chaves ECL, Carvalho EC, Terra FS, Souza L. **Validação clínica de espiritualidade prejudicada em pacientes com doença renal crônica.** Rev Latinoam Enferm [Internet]. mai-jun 2010 [acesso em: 25/05/12];18(3):[09 telas]. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v18n3/pt_03.pdf

Chaves ECL, Carvalho EC, Beijo LA, Goyatá SLT, Pillon SC. **Eficácia de diferentes instrumentos para a atribuição do diagnóstico de enfermagem sofrimento espiritual.** Rev Latinoam Enferm [Internet]. jul-ago 2011 [acesso em: 25/05/12];19(4):[09 telas]. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19n4/pt_08.pdf

White G. **An inquiry into the concepts of spirituality and spiritual care.** Int J Palliat Nurs. 2000;6(10):479-84.

Van Dover LJ, Bacon JM. **Spiritual care in nursing practice: a close-up view.** Nurs Forum. 2001;36(3):18-28.

Stranahan S. **Spiritual perception, attitudes about spiritual care, and spiritual care practices among nurse practitioners.** West J Nurs Res. 2001;23(1):90-104.

Cavendish R, Konecny L, Mitziotis C, Russo D, Luise B, Lanza M, et al. **Spiritual care activities of nurses using Nursing Interventions Classification (NIC) labels.** Int J Nurs Terminol Classif. 2003;14(4):113-24.

Wallace M, O'Shea E. **Perceptions of spirituality and spiritual care among older nursing home residents at the end of life.** Holist Nurs Pract.

2007;21(6):285-9.

Bailey ME, Moran S, Graham MM. **Creating a spiritual tapestry: nurses' experiences of delivering spiritual care to patients in an Irish hospice.** Int J Palliat Nurs. 2009;15(1):42-8.

Vance DL. **Nurses' attitudes towards spirituality and patient care.** Medsurg Nurs. 2001;10(5): 264-8.

Tomasso CS, Beltrame IL, Lucchetti G. **Knowledge and attitudes of nursing professors and students concerning the interface between spirituality, religiosity and health.** Rev Latinoam Enferm. 2011;19(5):1205-13.

Benko MA, Silva MJP. **Pensando a espiritualidade no ensino de graduação.** Rev Latinoam Enferm. 1996;4(1):71-85.

O'Shea ER, Wallace M, Griffin MQ, Fitzpatrick JJ. **The effect of an educational session on pediatric nurses' perspectives toward providing spiritual care.** J Pediatr Nurs. 2011;26(1):34-43.

Wong KF, Lee LY, Lee JK. **Hong Kong enrolled nurses' perceptions of spirituality and spiritual care.** Int Nurs Rev. 2008;55(3):333-40.

McSherry W. **A report by the Royal College of Nursing on members' views on spirituality and spiritual care in nursing practice.** Royal College of Nursing, RCN spirituality survey 2010; 2011. Disponível em: http://www.rcn.org.uk/__data/assets/pdf_file/0017/391112/003861.pdf.

Wu LF, Lin LY. **Exploration of clinical nurses' perceptions of spirituality and spiritual care.** J Nurs Res. 2011;19(4):250-6.

Chung LYF, Wong FK, Chan MF. **Relationship of nurse's spirituality to their understanding and practice of spiritual care.** J Adv Nurs. 2007;58(2):158-70.

Dezozzi LW, Crossetti MGO. **A espiritualidade no cuidado de si para profissionais de enfermagem em terapia intensiva.** Rev Latinoam Enferm. 2008;16(2):212-7.

Daniele Corcioli Mendes Espinha - Enfermeira. Graduada pela Faculdade de Medicina de Marília. Especialista em Enfermagem em Oncologia pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Membro da Sociedade Científica de Saúde e Espiritualidade da Faculdade de Medicina de Marília.